

**Contributo da Psicologia para Compreensão da Adesão  
ao Terrorismo: *Caso de estudo do grupo Jihadista Estado  
Islâmico (EI)***

MESTRANDA: ZILDA MARIA LUÍS SEBASTIÃO JORGE

ORIENTADOR: Prof. Doutor MIGUEL PEREIRA LOPES

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estratégia

LISBOA

2020

[WWW.ISCSP.U LISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.U LISBOA.PT)

**Contributo da Psicologia para Compreensão da Adesão ao Terrorismo: *Caso de estudo do grupo Jihadista Estado Islâmico (EI)***

MESTRANDA: ZILDA MARIA LUÍS SEBASTIÃO JORGE

ORIENTADOR: Prof. Doutor MIGUEL PEREIRA LOPES

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estratégia

LISBOA

2020

[WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho de Dissertação ao meu esposo António da Costa Jorge, que compreendeu e não mediu esforços para me apoiar nessa “etapa tão significativa da minha vida”; aos meus filhos, Tuximane, Zilton e Twizane que muitas vezes tive de os sacrificar com minha ausência para a realização e concretização deste objetivo.

## **Agradecimentos**

- A Deus, pela vida, saúde e determinação para ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.
- Aos professores (no geral), que, com empenho, se dedicaram na transmissão de conhecimentos e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação ao longo do curso, em particular à Professora Teresa de Almeida e Silva, pela inspiração na escolha do tema desta Dissertação.
- Ao Coordenador Heitor Romana e à Professora Sandra Balão, pelo incentivo e disponibilidade de apoio incondicional que recebi durante a apresentação do Pré-projecto.
- Ao meu orientador Dr. Miguel Pereira Lopes, que conduziu o trabalho com paciência, dedicação, disponibilidade ao direccionar-me e partilhar todo o seu vasto conhecimento.
- Ao Dr. Fernando Simões, que, desde a Licenciatura, acreditou, apostou e incentivou-me do ponto de vista profissional e académico na concretização deste Mestrado.
- Aos amigos Arguilar Nhang e Eduardo Quitaxi, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.
- Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.
- A todos que participaram, direta ou indiretamente, no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizagem, o meu sentimento de gratidão.

## ÍNDICE

Dedicatória .....	iii
Agradecimentos.....	iv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	2
1.1 TEORIA PSICODINÂMICA.....	3
1.2 DEFINIÇÃO DOS TERMOS E CONCEITOS .....	5
1.3 TERRORISMO E SEGURANÇA INTERNACIONAL .....	8
1.4 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO JIHADISTA ESTADO ISLÂMICO (EI).....	9
1.4.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO .....	10
1.4.2 GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA DO GRUPO TERRORISTA ESTADO ISLÂMICO .....	11
1.4.3 FINANCIAMENTO DO GRUPO EI .....	13
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA .....	13
2.1 JUSTIFICATIVA.....	13
2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
2.3 PROBLEMATIZAÇÃO .....	15
2.4 OBJETIVOS .....	16
2.5 ASPETOS METODOLÓGICOS RELACIONADOS AO NOSSO TIPO DE PESQUISA.....	16
2.5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	17
2.5.2 FORMAS E TÉCNICAS DE TRATAMENTO E RECOLHA DE DADOS....	19
2.6 GROUNDED THEORY .....	19
2.6.1 O DESIGN DO ESTUDO.....	23
CAPÍTULO III: FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA SOBRE O PROCESSO DE ADESÃO AO TERRORISMO .....	24
3.1 A TEORIA MOTIVACIONAL NA COMPREENSÃO DA ADESÃO AO TERRORISMO: DO SIGNIFICADO AO SENTIDO.....	24
3.1.1 RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DE VIDA .....	26
3.1.2 A TEORIA PSICANALÍTICA E O TERRORISMO RELIGIOSO .....	28
3.1.3 TEORIA SOBRE O TERRORISMO SUICIDA SEGUNDO ROBERT PAPE....	29
3.2 O PROCESSO DE ADESÃO AO GRUPO JIHADISTA ESTADO ISLÂMICO .....	31
3.3 O PROCESSO DE ADESÃO AO TERRORISMO .....	32

3.3.1 FORMAS DE ADESÃO AO TERRORISMO .....	33
<b>3.4 CATEGORIAS DE ADESÃO AO ESTADO ISLÂMICO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.5 ASPETOS PSICODIDÂMICOS DO PROCESSO DE ADESÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.6 FATORES DE ADESÃO AO TERRORISMO .....</b>	<b>35</b>
3.6.1 RAZÕES QUE LEVAM À ADESÃO E PERMANÊNCIA AO TERRORISMO 41	
3.7 LOCAIS DE PROMOÇÃO DO TERRORISMO .....	42
<b>3.8 TÉCNICAS PARA ATRAIR E SOLIDIFICAR A MENTALIDADE TERRORISTA .....</b>	<b>46</b>
3.8.1 COMPREENDER A MENTE EXTREMISTA.....	48
<b>3.9 AGENTES RECRUTADORES .....</b>	<b>50</b>
<b>CAP IV: ANÁLISE DOS DADOS OU CASOS POR NÓS ANALISADOS .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 PONTOS COMUNS NOS CASOS POR NÓS CONSTATADOS.....</b>	<b>55</b>
<b>4.3 CONTRIBUTOS DA TEORIA DA ESTRATÉGIA INDIRETA NO COMBATE AO TERRORISMO.....</b>	<b>57</b>
4.3.1 PERSPECTIVAS DA ESTRATÉGIA NO COMBATE AO TERRORISMO .	59
<b>4.4 TEORIAS GERADAS .....</b>	<b>63</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>69</b>
<b>WEBGRAFIA .....</b>	<b>74</b>

## Índice das tabelas

<b>Tabela 1</b> – Paralelismo entre os métodos mais tradicionais usados na investigação qualitativa: etnografia, estudo de caso e a <i>Grounded Theory</i> . Baseado em Creswell (1998) e Robson (2002).....	18
--	----

## Índice das imagens e Figuras

<b>Imagem 1:</b> Pirâmide das necessidades de Maslow.....	26
<b>Imagem 2:</b> Pirâmide das necessidades de Maslow (na visão de Frankl) .....	28
<b>Figura 3:</b> Motivos e vulnerabilidades.....	40
<b>Figura 4:</b> Mecanismos psicossociais de defesa (fora para dentro) .....	61
<b>Figura 4:</b> Mecanismos psicossociais de defesa (dentro para fora) .....	63

## INTRODUÇÃO

O sistema internacional entrou em um período de transição, caracterizado tanto pela multiplicação de crises como pelo aumento da conflitualidade e turbulências que antecipam transformações substanciais no âmbito de Segurança dos Estados (Lara, 2014), com ênfase em abordagens e análises transversais para a compreensão, contenção e estratégias de combate aos fenômenos marcantes (como o terrorismo de matriz islâmica em particular) no último decênio do séc. XX, introduzindo, assim, mudanças significativas no cenário global que requerem uma visão sistemática e prospectiva.

A vida em sociedade enfrenta um período histórico caracterizado por uma grande transformação de valores e costumes, sob influência de atos de injustiça, invasões e violações. Nos mais diversos contextos sociais — em todos os continentes, países e comunidades — as pessoas confrontam-se com a violência. Convivemos com o medo e o receio de nos vermos envolvidos num ato terrorista (Herz & Amaral, 2010).

Baseado na exploração de problemas ou contradições evidentes de natureza social, ideológica, política e econômica — suscetível de conquistar a adesão de variados setores da população — o terrorismo pode surgir em qualquer tipo de sociedade e apresentar-se como uma proposta e ou alternativa para a resolução desses problemas ou contradições. Para além da particularidade dos efeitos das suas atuações, o terrorismo procura a ressonância publicitária junto da opinião pública, bem como aos efeitos psicológicos que são causados nos alvos (Barracho, 2011).

O objetivo do presente estudo é a compreensão motivacional de adesão ao terrorismo, com incidência nos fundamentos psicodinâmicos, explorando sobretudo os processos motivacionais e psicossociais dos indivíduos que aderem ao terrorismo. Tomaremos como caso de estudo exploratório o grupo terrorista denominado Jihadista Estado Islâmico E.I, por acreditamos haver elementos mais profundos que se encaixam nos padrões psicológicos ou biológicos da própria dimensão mental do ser humano.



## **CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Perante um vasto número de acontecimentos que se tem constatado a nível mundial, em torno das ações terroristas, o Século XXI tem maior registo por apresentar mudanças no quadro geopolítico global. Após os atentados de 11 de Setembro de 2001 nos EUA, o terrorismo passou a ocupar o centro das atenções da política ao nível de segurança de vários países (Silva, 2001). Os terroristas ganharam dimensão preponderante, globalizaram-se, estão mais sofisticados e cada vez mais radicais. O desafio é estar sempre à frente dessas mudanças.

O terrorismo é um termo de origem étnica, nacionalista, religiosa, político-ideológica que se situa na interface das ciências sociais e da política (Lara, 2011).

Os acontecimentos em 2015 e 2016 vieram reforçar a necessidade de combater a ameaça terrorista. A par da França, a Alemanha e a Bélgica foram os países mais afetados durante este período, provando a falibilidade das medidas de combate ao terrorismo por estes aplicadas.

A violência de que a Europa foi alvo veio mostrar que as políticas existentes não produziram os resultados desejados, revelando-se assim insuficientes as abordagens adotadas por estes Estados perante a complexidade da ameaça, o que os obrigou a rever a sua ação. O terrorismo Jihadista tem suscitado grande preocupação à segurança dos Estados e aos interesses dos académicos. Os processos inerentes à radicalização e ao extremismo violento têm sido documentados e estudados por vários autores que pretendem oferecer soluções para combater esta ameaça.

Através da análise crítica dos fatores, razões e técnicas usadas na promoção e adesão ao terrorismo de matriz islâmica e o processo de radicalização, tentaremos ressaltar a importância da integração multidisciplinar para a adoção de medidas estratégicas e sua relevância nas políticas de segurança dos Estados, visando contribuir para uma maior consideração das medidas preventivas enquanto prioridade no combate a esta ameaça global, com recurso à estratégia indireta.

Na sua Estratégia de Segurança Interna, a UE afirma a sua intenção de erradicar por completo o terrorismo. A prioridade da sua atuação passa pela prevenção de ataques terroristas e isto só é possível se se abordar e impedir a radicalização e o recrutamento com fins terroristas (Barbosa, 2018).

## 1.1 TEORIA PSICODINÂMICA

A Teoria Psicodinâmica, enquanto estudo e teorização sistemática das forças psicológicas que agem sobre o comportamento humano, enfatiza os motivos, as emoções e outras forças internas, bem como a interação entre as motivações conscientes e inconscientes (Davidoff, 2001). Psicodinâmica é a orientação da psicologia que estuda processos e comportamentos mentais como resultado da relação dinâmica entre diferentes elementos — consciente e inconsciente — como motivações, restrições, inibições.

Já a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erickson, enquanto teoria psicodinâmica, valoriza a interação do indivíduo com o meio sociocultural ao longo de todo ciclo vital. Esta teoria foi traçada com base na importância da influência do desenvolvimento pessoal, seus impulsos e motivações inconsciente. A mesma sustenta que a tarefa fundamental da existência é a construção da identidade pessoal. Segundo Erikson, na sua obra *Identity, youth and crisis* (1968), a identidade pode ser concebida como a imagem mental relativamente estável da relação entre o Eu e o mundo social nos vários contextos e momentos do processo de socialização (Griffa & Moreno, 2001).

É sobre teoria de desenvolvimento psicossocial de Erick Erickson que nos cingiremos, por objetivar o crescimento psicológico através de estágios ou fases que dependem da interação da pessoa com o meio que a rodeia. De realçar que cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial, entre uma vertente positiva e outra negativa. Ambas são necessárias, mas para a população ou faixa etária alvo do nosso estudo é essencial que se sobreponha a positiva (socialização e relações íntimas), em detrimento da vertente negativa (fanatismo e isolamento), que entendemos ser vista como vulnerabilidades aproveitadas pelos recrutadores islâmicos, visto que, a busca por um sentido na vida abre uma janela de oportunidade para doutrinação radical que lhes forneça esse sentido.

Acreditamos que tal vertente (negativa) é tida como fator intrínseco a ser aproveitado para a adesão aos atos terroristas e ou aos mártires ou suicidas/bombistas, dado que o adolescente adere às ideologias ou ao fanatismo como saída mais aceitável em termos sociais ou pessoais para descarga da sua energia agressiva.

Durante a adolescência, os seres humanos possuem uma indubitável tendência para diminuir a sua obediência face às normas sociais, permitindo ao pensamento conceptual questionar e, ao

mesmo tempo, procurar novas ideias. Também na adolescência existe um período sensível determinado para a escolha de um novo objeto de fixação que coincide com a capacidade crítica, cujo resultado poderá ser uma total ausência de finalidade (Griffa & Moreno, 2001).

Após a puberdade, alguns indivíduos sentem uma imperiosa motivação em aderir a uma determinada causa e se não encontram uma causa considerada e digna, podem ligar-se às causas de substituição. Existe no seio da juventude a necessidade instintiva de pertença a um grupo estritamente ligado e que luta por ideais idêntico. Pode tornar-se tão forte ou importante para o indivíduo que a questão de saber o que são esses ideais, ou ainda se possuem valor intrínseco, deixa de ser essencial (Werlang & Oliveira, 2006).

A valorização de certas normas sociais ou a pertença a uma causa dificilmente se extinguirá, porque, após o período sensível da puberdade, a capacidade do indivíduo de se dedicar a um determinado ideal fica reduzida. Assim, os seres humanos atravessam forçosamente um período bastante perigoso durante e pouco depois da puberdade. Neste paradoxo trágico, o perigo é maior para aqueles que, por natureza, são mais aptos a servir a nobre causa da humanidade (Félix, 2004).

Portanto, é o processo de fixação a um objeto que determina e condiciona a razão pela qual um indivíduo irá viver ou lutar por um determinado ideal, ocorrendo, de facto, o denominado entusiasmo militante. Na realidade, o entusiasmo militante é uma forma particular da agressão em comum (disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas), nitidamente distinta das formas mais primitivas da agressão individual. O indivíduo exposto a fortes emoções vive os fenómenos subjetivos, subjacentes à reação de entusiasmo militante, que é o abandono de tudo ao apego daquilo que no momento em que a emoção particular se produz, aparece como um dever sagrado (Félix, 2004).

O entusiasmo militante no indivíduo evolui a partir de uma reação de defesa coletiva dos seus antepassados. A tensão irrefletida para um único alvo que caracteriza essa reação deve ter possuído um enorme valor de sobrevivência para os seus antepassados.

Knobel (1980, citado por Griffa & Moreno, p.26) definiu adolescência como:

“A etapa da vida a qual o individuo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objecto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social

lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento, a sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade de personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade Infantil”.

Mauricio Nobel, na sua tese sobre a síndrome normal da adolescência, defende como os adolescentes atravessam, normalmente, desequilíbrios e instabilidades extremos que os obrigam a recorrer ao uso de defesas e comportamentos também extremos; é possível falar de uma verdadeira “patologia normal”, cujos sintomas são: busca de si mesmo e da identidade, necessidade de fantasiar e intelectualizar, tendência grupal, crise religiosa, atitudes sociais reivindicatórias (rebeldia juvenil), tendência à ação, contradições sucessivas em todas manifestações de conduta, entre outras (Grifa & Moreno, 2001).

## 1.2 DEFINIÇÃO DOS TERMOS E CONCEITOS

O **terrorismo** consiste numa utilização ilícita da força e da violência contra pessoas ou bens com o objetivo de intimidar ou constranger um governo, uma população civil ou uma parte desta na prossecução de objetivos políticos ou sociais (Costa, 2003).

Segundo Bloom (2002, citado por Pape, 2005), o terrorismo tem duas finalidades: a primeira ganhar adeptos, mobilizar apoios para coagir os seus oponentes e afetar os cálculos dos inimigos ao mesmo tempo; a segunda mobilizar o apoio no sentido de ganhar uma vantagem sobre grupos rivais no mesmo movimento.

O Terrorismo demanda uma abordagem ampla e imparcial de suas multiplicações para poder ser combatido de forma eficaz. Como efeito, além da ajuda e cooperação mútua entre as nações democráticas, é antes de tudo fundamental promover fóruns multidisciplinares de discussão, onde os múltiplos e diversificados aspectos do terrorismo possam ser estudados através de um diálogo abrangente, com contribuições de disciplinas como relações internacionais, história, sociologia, direitos humanos, direito internacional, psicologia, estudos de religião e de mídia (Herz & Amaral, 2010).

O **fundamentalismo** constitui, pela sua intenção, uma resposta radical a uma insegurança existencial, sentida como ameaçadora. Esta insegurança procede da incapacidade de um determinado sistema sociopolítico em proporcionar sentido, identidade, motivações, orientações e segurança protetora. Por isso, a questão do fundamentalismo é, em primeiro

lugar, uma questão da viabilidade ou adequação dos sistemas sociopolíticos vigentes e da sua capacidade de dar resposta aos problemas das populações (Moreira, 2004).

Por sua vez, para Dominique Sourdel (1983, citado por Duarte, 2015), o **Islão** significa “submissão à vontade de Deus”. A palavra Islão deriva da palavra árabe "Silm ou Salam", que significa "Paz ou saudar um ao outro com paz". Mais do que isso, significa: submissão a Um só Deus e viver em paz com o Criador, consigo mesmo, com outras pessoas e com o ambiente (Duarte, 2015).

O **Islamismo** é definido como sendo uma ideologia política baseada na crença de que os princípios religiosos muçulmanos deverão dominar todos os aspetos da vida pública e privada. Assim, o Islão constitui um sistema não apenas espiritual/religioso, mas também ideológico (Napoleoni, 2015).

A **radicalização** é o ato de tornar radical ou extremo, é atitude intransigente. Ora, um dos aspetos mais comuns que podemos observar nas definições da radicalização é o comportamental, pela ênfase dada ao uso da violência para alcançar objetivos políticos ou ideológicos, onde se incluem os atos terroristas. Outras definições incluem as crenças, englobando tanto aqueles que praticam atos de violência como aqueles que suportam tais atos (Gonçalves, 2014).

Duarte (2015) classifica duas linhas de radicalização: moderna e pós-moderna. A primeira linha (moderna), procura ler o islamismo como um movimento reativo e agressivo, levado a cabo por intelectuais e classes sociais menos desfavorecidas, contra a ocidentalização das sociedades muçulmanas. Parte da ideia de uma crise decorrente de um profundo sentimento de humilhação. A segunda linha (pós-moderna) vê o islamismo como um fenómeno de rutura, como uma manifestação reativa à pós-modernidade ou à globalização, em que o islamismo é visto como uma resposta a uma perda de identidade, de autonomia cultural e de alternativa política ou moral. É nesta condição que reside a base de alguns dos radicalismos religiosos contemporâneos (Duarte, 2015).

O Jihadismo deslocou-se do islamismo, afastou-se do combate político e radicalizou-se. Advoga uma utopia e visa a aniquilação dos supostos obstáculos ao seu fim e surge como fundamento de ação violenta (Duarte, 2015). Assim, importará clarificar o conceito de radicalização enquanto processo que leva ao extremismo violento e a atos de terrorismo.

Deste modo, importa distinguir radicalização cognitiva, da radicalização violenta. A **radicalização cognitiva** é um processo de adoção ou promoção de ideologias ou crenças extremistas com o intuito de desenvolver uma mudança ao nível político, social ou religioso. Por sua vez, a **radicalização violenta** consiste no processo de adoção de um sistema de crenças extremista, com a legitimação e a justificação do uso da violência como meio para alcançar objetivos políticos, sociais ou religiosos. Ora, se o primeiro conceito está ao nível das crenças e atitudes, o segundo já supõe um comportamento violento e o uso da força para expressar essas crenças e atitudes (Barbosa, 2018).

De acordo com McCauley e Moskalenko (2008), podemos ter duas perspetivas sobre o processo de radicalização. Por um lado, podemos ter uma visão mais funcional, onde a radicalização política consiste no aumento da preparação e do compromisso para a participação em conflitos intergrupais, e por outro uma mais descritiva, onde radicalização significa uma mudança nas crenças, sentimentos e comportamentos em direções que vão justificando a violência intergrupala e demandam sacrifício na defesa do grupo (Barbosa, 2018).

Segundo Dalgaard Nielsen (citado por Barbosa, 2018), a radicalização nem sempre implica extremismo e, conseqüentemente, nem sempre implicará que um radical seja terrorista. Um radical será assim entendido como uma pessoa que abriga um desejo profundo de provocar mudanças sociopolíticas fundamentais, sendo a radicalização entendida como uma crescente disponibilidade para prosseguir e apoiar mudanças de longo alcance na sociedade, que entrem em conflito ou sejam uma ameaça direta à ordem existente.

### **Estratégia direta e estratégia indireta**

Segundo Ribeiro (2010), a segurança nacional é um fenómeno psicológico, com efeito, exprime a sensação de salvaguarda, a noção de proteção ou a tranquilidade das instituições ou das pessoas, em resultado da perceção da efetiva carência de ameaças relativamente à materialização de interesses nacionais, quando não existem ou porque foram anuladas. Embora a segurança nacional seja subjetiva, David (2001, citado por Ribeiro, 2010), considera que, como a «ameaça pode ser real, territorial e provocar perdas em vidas humanas, quer seja exercida por um Estado ou por um grupo étnico, clínico, terrorista ou por uma guerrilha», não deixa de apresentar uma componente subjetiva «que provoca debates sobre a natureza da ameaça», tendo em vista percebê-la.

Tanto a estratégia direta quanto a indireta são dois aspetos de uma estratégia geral. Portanto, Almeida (2016) faz a distinção de ambas pelo seguinte:

A **estratégia direta** consubstancia-se na concentração de forças materiais e humanas esmagadoras com as quais se procura ativamente o combate por forma a desferir um golpe fatal nas forças inimigas. Consubstancia-se também na intensa publicidade de suas ações, o que leva a um enorme desgaste de materiais ao esmagamento financeiro, perdas humanas; leva ao desgaste dos contendores, à drenagem de recursos e, no final, à exaustão e, provavelmente, ao aniquilamento da maioria dos intervenientes.

Já **estratégia indireta** evita o combate da mobilidade da ação psicológica, a procura constante de perturbar ou cortar as comunicações com a cadeia de comando e de controlo, as rotas de abastecimento ou de recuo do inimigo; intenta desequilibrá-lo, minar a vontade de combater quer dos dirigentes quer dos soldados. Procura dessa maneira desequilibrá-lo, ganhando uma posição de tal superioridade estratégica que esta por si só decida a contenda ou, finalmente, se dá o combate, antecipadamente ganho.

A estratégia indireta, pelo contrário, procura a surpresa pela inovação, pela mobilidade, pela diferenciação e pelo posicionamento; evita o confronto direto, preservando aspetos financeiros e tem maiores possibilidades de sair vencedora (Almeida, 2016).

### **1.3 TERRORISMO E SEGURANÇA INTERNACIONAL**

O mundo se transformou por completo após o dia 11 de Setembro de 2001, quando os Estados Unidos foram alvos dos maiores ataques terroristas até então presenciados, data considerada por muitos estudiosos como um marco para o início do século XXI. O terrorismo se constitui numa ameaça à ordem e à segurança internacional, produz impactos a economia, ao comércio e aos investimentos, também implicou na reavaliação de questões referentes à ética, à política e ao direito internacional (Herz & Amaral, 2010).

O terrorismo é visto como uma ameaça à identidade, mais do que aos interesses. Não importa se esse quadro a respeito dos motivos por trás do terrorismo é ou não verdade; o facto é que ele tem um poderoso impacto emocional. Os acontecimentos de 11 de Setembro criaram um sentimento genuíno de insegurança coletiva, uma vez que os EUA terão sentido como um ataque contra todos. Pela primeira vez, havia um consenso internacional sólido e abrangente

contra o terrorismo. O uso da força militar para destruir uma organização terrorista e derrubar o governo do Estado que a apoiava foi facto inédito, já que as retaliações norte-americanas anteriores haviam sido breves e limitadas (Herz & Amaral, 2010).

Atualmente, o mundo islâmico tem vindo a assumir um papel que marca, cada vez mais, no seio da comunidade internacional (Silva, 2010). A maior parte das respostas praticadas no 11 de Setembro constituiu na coordenação de um trabalho da polícia e de inteligência de todo mundo. As Nações Unidas concentraram-se na melhoria de suas capacidades. Os governos atacaram, revelaram, expulsaram e desmantelaram as fontes de financiamento do terrorismo, descobriram, expulsaram, desmantelaram conspirações e centenas de milhares de militantes da Al-Qaeda foram presos em diversos países do mundo.

A materialização dos objetivos estratégicos de segurança, as diretrizes políticas de segurança, implica dispor de uma estratégia que articule meios, no espaço e no tempo de forma a vencer confrontos, a contornar obstáculos, a diferir dificuldades, a aproveitar oportunidades, a utilizar apoios e a regular neutralidades (Ribeiro, 2012). A segurança nacional possível resulta da comparação global dos atores contrários, com as possibilidades e meios próprios para proteger adequadamente os interesses nacionais (Ribeiro, 2010).

#### **1.4 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO JIHADISTA ESTADO ISLÂMICO (EI)**

Perante os factos e ou seus justificativos, qualquer que tenha sido o objetivo da invasão do Iraque, em 2003, bem assim dos esforços para derrubar Assad na Síria, em 2011, não terá sido a criação de um Estado Jihadista no Norte do Iraque e da Síria (Cockbum, 2015). Na sua mais recente autodenominação, é conhecido como Estado Islâmico EI — sigla que usaremos ao longo deste trabalho para nos referirmos a esta organização terrorista.

Através deste termo EI, definiu, para si mesmo, que legitimaria a sua declaração de um califado Islâmico, refletindo assim as suas maiores ambições, o que lhe permitiu reivindicar uma legitimidade invulgar, fazendo dele um caso especial que exige um tratamento delicado e não apenas mais um grupo extremista (Stern & Berger, 2015).

Em 2011, o novo Estado anunciou a instituição de um califado que se alongava sobre a fronteira entre o Iraque e a Síria. O seu líder, Abu Bakaral-Baghdadi, descreveu-o como «um



Estado em que árabes e não árabes, brancos e negros, orientais e ocidentais serão irmãos [...]. A Síria não pertence aos sírios e o Iraque não pertence aos iraquianos. O mundo pertence ao Alé» (Cockburn, 2015), justificando, desse modo, sua pretensão e ideologia de uma adesão ou recrutamento sem fronteiras do grupo Jihadista Estado Islâmico.

É uma organização política que professa o islamismo sunita e foi fundada na Jordânia. Nasceu como uma derivação da Al-Qaeda. Contudo, as ações do EI tornaram-se, gradativamente, mais radicais, — até mesmo para os padrões da Al-Qaeda — o que provocou a separação entre as duas organizações terroristas (Fujiil, 2015).

Ao nosso entender, o EI caracteriza-se como sendo um Estado-concha<sup>1</sup>. Durante a Guerra Fria (1947-1991), os Estados-conchas muitas vezes resultaram de guerras por procuração<sup>2</sup>. Por outras palavras, os Estados financiavam atores não estatais para combaterem as suas guerras por procuração e algumas destas organizações armadas garantiram a sua independência económica e construíram infraestruturas estatais próprias (Napoleoni, 2015).

A austera da bandeira negra, emblemática da força de combate do EI, não era apenas um símbolo de guerra, argumentam silenciosamente o símbolo de uma sociedade integral; não de um sonho distante, mas de uma instituição orgânica e pulsante à espera de ser povoada pelos crentes (Stern & Berger, 2015).

#### **1.4.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO**

O movimento Jihadista, que jurou fidelidade ao Bin-Laden e à Al-Qaeda em 2004, assumiu o nome de “Estado Islâmico” em Junho de 2014. Em 2010, quando Abu Bakral-Baghdadi subiu a líder, o grupo recuperou a sua antiga designação de Estado Islâmico do Iraque. Em 2013 — após a sua fusão com a Frente al-Nusra que é um grupo sírio Jihadista filiado na Al-Qaeda — a organização passou a intitular-se Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham), mais conhecido pelos acrónimos EIIL e EIIS (e pelos acrónimos ingleses ISIL ou ISIS). Contudo,

---

<sup>1</sup>Estado-Concha (*Shell-state*) é o resultado do processo através do qual uma organização armada implementa as infraestruturas socioeconómicas de um Estado (tributação, serviços de emprego...) sem uma estrutura ou integração política, ou seja, sem território nem autodeterminação.

<sup>2</sup> Guerra por procuração é um termo que denota a luta travada por parceiros em nome de grandes potências mundiais. É um conflito armado, no qual dois países se utilizam de um terceiro — os praxeis- como intermédios ou substitutos, de forma a não lutarem diretamente entre si. Por exemplo, após a guerra do Afeganistão, grupos apoiados pelos EUA, torando-se os núcleos do Talibã e do Al Qaeda.

na Síria, desde o início como também no Iraque, o grupo é conhecido simplesmente como *al Dawlat*, o Estado (Napoleoni<sup>3</sup>, 2015).

O EI ergueu-se das cinzas no primeiro dia do Ramadão de 2014 (de 28 de Junho a 28 de Julho), o mês sagrado de jejum e oração. Deverá ser visto como um forte indício do desafio que esta organização coloca à legitimidade de todos os países de fé predominantemente islâmica, tornando nula a legitimidade de todos os emirados, grupos, Estados e organizações face à expansão da autoridade do califa e à chegada das suas tropas a essas áreas (Napoleoni, 2015).

O EI nasceu da «guerra ao terrorismo» entre América e a al-Qaeda no Iraque. O EI nasceu com a guerra. Os seus membros pretendem mudar o mundo à sua volta por intermédio de atos violentos (Stern & Berger, 2015). A mistura tóxica mais patente de extremismo religioso e a perícia militar do movimento é resultado da guerra do Iraque desde a invasão americana em 2003 e a da guerra na Síria que era revivida pelos árabes sunitas (Cockburn, 2015).

Este grupo surgiu a partir do Estado Islâmico no Iraque, originou-se como um braço iraquiano da Al-Qaeda; é dirigido por Abu Bakar al-Bagdadi. Atuava na região do Levante, na fronteira entre os dois países acima citados, mas logo se tornou independente da organização “mãe” e passou a atuar seguindo suas próprias regras.

Foram os Estados Unidos da América (EUA) e os seus aliados regionais na Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes Unidos a criarem as condições para ascensão do EI (Cockburn, 2015).

#### **1.4.2 GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA DO GRUPO TERRORISTA ESTADO ISLÂMICO**

O EI divide as regiões em *Wilayat* (províncias) e nos mais pequenos *Qawali* (distritos). Um comandante militar, um ou mais comandantes de segurança e um emir geral são nomeados para cada distrito. Todos respondem a um *Wali* (governador).

---

<sup>3</sup> LORETA NAPOLEONI é uma das mais reputadas especialistas em terrorismo, é uma economista e jornalista italiana. É colunista dos jornais *El País*, *The Guardian* e *Le Monde*, bem como comentadora dos canais televisivos CNN, BBC e Sky. Desloca-se frequentemente à Síria, Paquistão, Turquia, Irão e Iraque.

Os líderes de topo não moram na mesma província que governam. Por exemplo, os governadores de Minbij e de Deir Ezzot tendem a viver em Raqqa ou em Shaddadi, em Al-Hasakah. O governador de Wilayatal-Furat vive no Iraque e raramente viaja até a Síria. O mesmo se aplica aos governadores das províncias do Iraque. Ao nosso entender, estas constituem medidas que privilegiam a uma estratégia administrativa de segurança.

Raqqa e Mossul são, de facto, as capitais do EI e os enviados dos territórios reúnem-se muitas vezes em palácios ocupados pelo grupo. Os seus membros têm instruções para exibirem poucas armas em público.

Se olharmos para o mapa do Médio Oriente, percebemos que as organizações semelhantes a al-Qaeda tornaram-se uma força de poderio letal num território que vai da província de Diyala, a nordeste de Bagdadi, ao Norte da província de Latakia, na costa mediterrânea da Síria. Todo o vale do Eufrates até ao Oeste do Iraque ou ao Leste da Síria e até a fronteira turca está hoje sob o controlo do EI ou da JAN, sendo esta última a representante oficial do «núcleo» da al-Qaeda com sede no Paquistão (Cockburn, 2015).

Além do Iraque e da Síria, o EI ocupa, desde 2015, uma cidade portuária importante da Líbia localizada a 400 Km de Trípoli. Sirte é a maior base do EI fora do Iraque e da Síria.

O EI tem a grande vantagem de conseguir operar dos dois lados da fronteira entre a Síria e o Iraque. O EI controla quase metade do território sírio e uma parte do norte do Iraque, separando o território curdo do resto do Iraque — com exceção de enclaves curdos perto da fronteira com a Turquia. A sua capital, de facto, é Raqqa, perto da qual se situa a barragem de Tabqa que é a maior do rio Eufrates e da Síria. Controla cidades como Deires-Zour — importante centro petrolífero da Síria —, Sinjar — a maior comunidade yazidi — e Mossul, a segunda cidade do Iraque (Napoleoni, 2015).

O EI tem outra vantagem, controla os vales dos rios Tigre e Eufrates, assim como a estepe árida e o deserto em que operam no Norte e Oeste do Iraque e no Leste da Síria, ambos os lados da fronteira parecem-se muito. Mas as condições políticas e militares são completamente diferentes nos dois países, permitindo aos comandantes do EI moverem as suas forças de um país para outro, aproveitando as oportunidades que surgem e surpreendendo seus inimigos (Cockburn, 2015).

### **1.4.3 FINANCIAMENTO DO GRUPO EI**

O EI uniu a sua governação autoritária a uma economia de guerra de grande sucesso. A maior fonte de financiamento do EI é o petróleo iraquiano. O EI administra grandes quantias de dinheiro, geradas, em parte, pela anexação de recursos produtivos, como campos petrolíferos e centrais elétricas em toda Síria (Cockburn, 2015).

O EI também controla a central de gás de Shaar e Deires-Zour, o maior centro petrolífero da Síria. O contrabando de petróleo para países vizinhos, como a Turquia e a Jordânia, e para outras áreas da Síria e no Iraque ainda cria receita significativa para o EI (Weiss & Hassan, 2015).

Nas áreas sob seu controlo, o EI implanta um sistema de impostos às empresas, bem como taxas sobre a venda de armas, outros equipamentos militares e de bens de consumo. Um aspeto interessante é que muitos deles em trânsito ao longo de lucrativas rotas de contrabando nas fronteiras da Síria com a Turquia e o Iraque (Cockburn, 2015).

Quando ainda não possuía território ou poço de petróleo, o financiamento do EI vinha do apoio da Arábia Saudita e dos países do Golf. Tornou-se autossuficiente com o apoio financeiro que recebeu para entrar na guerra civil síria contra BasharAl-Assad (Napoleoni, 2015).

## **CAPITULO II: FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA**

### **2.1 JUSTIFICATIVA**

O comportamento humano, especificamente o comportamento social, longe de ser unicamente determinado pela razão e pelas tradições culturais, tem ainda de se submeter a todas as leis predominantes no comportamento instintivo adaptado pela filogênese e que ressalvam a tendência agressiva da espécie humana. Paradoxalmente, as capacidades de que o indivíduo dispõe que o elevaram a um nível superior ao de todas as outras espécies — pensamento conceptual e linguagem verbal — são também a causa de comportamentos destrutivos protagonizados por ele (Félix, 2004).

O indivíduo forma-se a partir de suas relações com os outros, inicialmente com figuras parentais e, posteriormente, por meio de outras identificações (grupos de pertença) que vão constituindo e mantendo em operação a instância psíquica fundamental para o convívio social.

A incursão histórica, social e psicológica em torno do tema não pretende constituir mais do que uma reflexão inicial à matéria, visando, sobretudo, proporcionar um espaço de colocação de hipóteses dada a complexidade e inquietude que o terrorismo suscita.

## **2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO**

Nenhuma organização, seja terrorista ou não, sobrevive sem recursos humanos. O foco do nosso trabalho é o homem enquanto autor de ações terroristas, vale enfatizar que, em psicologia, as variáveis independentes compreendem o comportamento humano (individual ou grupal), as atitudes, a personalidade, enquanto que na ciência política as variáveis determinantes são as instituições e estruturas políticas.

Neste trabalho, procuraremos compreender do ponto de vista da Psicologia, as motivações que estão na base da adesão ao terrorismo. Acreditamos que uma decisão dessas não cabe numa explicação simples.

É difícil distinguir as etapas posteriores à adolescência por causa da impossibilidade de se determinar limites e momentos-chaves comuns a todas as pessoas no transcurso desse ciclo vital (Grifa & Moreno, 2001). Basear-nos-emos na seguinte distinção:

Adolescência inicial (12 a 17 anos);

Juventude ou segunda adolescência (18 a 25 anos);

Vida adulta, jovem ou precoce (25 a 30 anos).

Sabe-se, por exemplo, que a maioria das pessoas captadas por organizações extremistas — eventualmente transformadas em terroristas — são jovens, no final da adolescência e começo da idade adulta. Essa faixa etária apresenta grandes vulnerabilidades, do ponto de vista da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erickson (Daviddof, 2001), que pensamos

serem exploradas com mestria pelos recrutadores. É sobre esta faixa etária, dos 13 aos 30 anos de idade, que nos propusemos fazer a nossa análise.

## **2.3 PROBLEMATIZAÇÃO**

Segundo a revista visão, datada de 03 de Dezembro de 2015, calcula-se que, desde Agosto de 2014 a Novembro de 2015, foram considerados 15 ataques mais importantes de autoria do grupo jihadista EI. No período entre 2014 a 2016, a Europa registou um número de ataques consideráveis que chocaram o mundo, relatados pela mídia de forba gobal e o que suscitou nossa atenção e questionamento em torno da faixa etária dos autores de tal atos terrorista, todos eles reivindicados pelo grupo terrorista Estado Islâmico dentre eles: a execução dos jornalistas James Foley, Steven Sotloff, Peter Kassig, Dabiv Hains, Alan Henning, Haruna Yakwa Kenji Goto (em 2015, autor inglês de 27 anos de idade); os 17 reféns num café em Sydney; o ataque no hotel, que resultou na morte de 10 pessoas (em Trípoli/ Líbia); o atentado no museu da Tunísia que resultou na morte de 22 civis; dois ataques suicidas em mesquitas no Iémen que matou mais de 130 pessoas; uma série de ataques em Paris que matou 132 pessoas e deixou mais de 350 feridos, em Novembro de 2015 (Belga de 26 anos, Francês de 29 anos), ataque no mercado de Paris (autor, Paquistânês de 18 anos), ataque no mercado de copenha (dinamarquês de 22 anos). Os ataques em Nice, a 14 de julho de 2016, 480 pessoas morreram neste atentado (autor Franco-tunisino 31 anos), ataque no mercado de Natal em Berlim em 2016 (autor tunisino de 24 anos, ataque em boat gay Pulse nos EUA (atirador de 29 anos) todos estes ataques foram reivindicados.

### **Questão central de investigação:**

- Que processos motivacionais e psicossociais ajudam a explicar a adesão ao grupo terrorista religioso Estado Islâmico?

## **2.4 OBJETIVOS**

### **Objetivo geral:**

1. Contribuir para a compreensão dos aspetos psicodinâmicos e seu efeito motivacional para a adesão ao terrorismo religioso.

### **Objetivos específicos:**

1. Compreender as motivações que levam o indivíduo a moldar seus hábitos para enveredar em atos terroristas;
2. Analisar aspetos psicossociais na compreensão de comportamentos motivados por crenças e valores;
3. Analisar as possíveis vulnerabilidades de grupos terroristas, para identificar formas de combate ao terrorismo.

Ainda que nenhum destes fatores contribua decisivamente para uma explicação causal de adesão ao terrorismo, podem ser vistos como marcadores da vulnerabilidade, possíveis fontes de motivação ou como mecanismos para aquisição ou endurecimento das ideologias extremistas de cada indivíduo.

. Basear-nos-emos em artigos científicos, revistas, *sites* e bibliografias (fontes documentais) suscetíveis de facilitar a compreensão do tema por nós apresentado. Os dados coletados serão analisados qualitativamente.

## **2.5 ASPETOS METODOLÓGICOS RELACIONADOS AO NOSSO TIPO DE PESQUISA.**

Os pressupostos comportamentais envolvidos nos aspetos básicos da nossa abordagem indicam a pesquisa de natureza qualitativa do tipo descritiva e exploratória, como adequada para a identificação, caracterização e compreensão da nossa problemática.

Para Richardson (1999, citado por Bardin, 2004), a pesquisa qualitativa é especialmente válida em situações em que se evidencia a importância de compreender aspetos psicológicos,

cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido a complexidade que encerram, por exemplo, a compreensão de atitudes, motivações, expectativas e valores.

Seguindo essa linha de raciocínio, Richardson (1999) destaca que "o objectivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; e sim, no aprofundamento da compreensão de um fenómeno social, por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenómeno". Por esse motivo, a validade da nossa pesquisa não se dá pelo tamanho da amostra, como na pesquisa quantitativa, mas sim pela profundidade com que o estudo é realizado (Bardin, 2004).

### **2.5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Por se tratar de um trabalho indutivo, não apresentaremos hipóteses, dado que, para lidarmos com um fenómeno de tamanha envergadura, precisamos assimilar suas lições por meio de pensamento (Palma, 2008).

Quanto à delimitação do tema apresentado, falaremos dos aspetos psicossociais e motivacionais que estão na base da adesão ao grupo terrorista Estado Islâmico (EI).

Faremos uma abordagem eclética das correntes psicológicas — nomeadamente, sobre a psicologia das massas, psicologia social, psicologia do desenvolvimento e psicologia da religião. Não nos propusemos a falar das vítimas do terrorismo, mas dos aspetos psicodinâmicos e motivacionais que estão na base da adesão ao terrorismo religioso.

A nossa pesquisa passou por três fases:

- a) fase exploratória, na qual amadurecemos o objeto do nosso estudo e delimitamos o problema de investigação;
- b) fase de coleta de dados, em que recolhemos informações que respondam ao problema por nós apresentado;
- c) fase de análise de dados, na qual se fez o tratamento, por inferências e interpretações, dos dados coletados.



**Tabela 1:** Paralelismo entre os métodos mais tradicionais usados na investigação qualitativa: etnografia, estudo de caso e a *Grounded Theory*. Baseado em Creswell (1998) e Robson (2002).

	<b>Etnografia</b>	<b>Estudo de Caso</b>	<b><i>Grounded Theory</i></b>
Objetivo	Descrição e interpretação da cultura e de um grupo social	Desenvolvimento de uma análise aprofundada de um caso ou de múltiplos casos.	Geração de teoria a partir dos dados.
Questão da investigação	Relacionada com o contexto que se pretende estudar.	Definida <i>a priori</i> ; Não é alterada no decorrer da investigação.	Questão genérica; É afinada ao longo da recolha de dados.
Recolha de Dados	Período prolongado do investigador no contexto de estudo; Observação e entrevistas.	Múltiplas fontes de evidência (observação, entrevistas, dados de arquivo, documentos, artefactos físicos).	Entrevistas com 20-30 participantes até atingir a saturação teórica.
Análise dos dados	Descrição, análise, interpretação.	Descrição, temas e asserções; Comparação intra-caso e/ou inter-caso.	Codificação aberta, axial e seletiva.
Produto Final	Descrição da cultura e do	Estudo aprofundado de um	Nova teoria.

	comportamento de um grupo.	caso ou casos	
--	----------------------------	---------------	--

**FONTE:** PALMA (2008), pág,138.

## 2.5.2 FORMAS E TÉCNICAS DE TRATAMENTO E RECOLHA DE DADOS

A coleta de dados deu-se por meio das pesquisas:

1) Documental - a vantagem desta técnica é que a análise permite a obtenção de dados quando o acesso ao sujeito é impraticável (Coutinho, 2015). É realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, fotografias, relatórios, discursos, mapas, documentos informativos e arquivados. Difere da pesquisa bibliográfica pela natureza das fontes. Os dados foram recolhidos por meio de revistas, *websites* em algumas entrevistas cedidas aos jornais e aos jornalistas, documentos pessoais e oficiais, fotografias, conversas informais, narrativas e cartas;

2) Bibliográfica - baseia-se em fontes secundárias como livros, periódicos (jornais, revistas etc.), artigos científicos, documentos monográficos, *websites*, entre outros. É o passo inicial na construção efetiva de um trabalho de investigação. Essa pesquisa auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa.

Todas estas fontes foram analisadas na primeira fase do estudo, por forma a identificar as semelhanças e diferenças entre os casos de jovens que aderiram ao terrorismo, no período de 2014 a 2016.

## 2.6 GROUNDED THEORY

A nossa abordagem é fundamentada no *design* da *Grounded Theory*, com o propósito de gerar nova teoria sobre o processo explicativo dos aspetos motivacionais de adesão de adolescentes e jovens, islâmico e não islâmico, ao Estado Islâmico e por ser uma ferramenta de pesquisa sob o paradigma qualitativo e não como método investigativo. Na *Grand Theory* o método é

indutivo. No método indutivo, o critério para a escolha da população a partida não é relevante desde que os casos escolhidos sejam significativos e relevantes devido a saturação teórica.

Para alcançar o objetivo do presente estudo — compreensão dos aspetos psicológicos no processo de adesão ao terrorismo — utilizamos o *design* qualitativo. Este *design* revelou-se o mais adequado, quando o estado atual da literatura não se encontra suficientemente desenvolvido (Creswell, 2003).

Por outro lado, o *design* qualitativo mostrou-se o mais adequado para o presente estudo, pois procura explorar os aspetos comportamentais, motivacionais e as significações das pessoas (dos casos em análise), sobre o processo de adesão, visando o interacionismo simbólico com vista a gerar ideias, conceitos, combinações, configurações e novos padrões de conhecimento.

Considerada por uns como uma metodologia e por outros como método de recolha de dados na opinião de Myers (1997), a *Grounded Theory* busca desenvolver teoria a partir dos dados sistematicamente recolhidos e analisados. Mais ainda, por ser considerada, também, como uma metodologia de descoberta indutiva que permite ao investigador desenvolver a sua perspetiva teórica acerca de um dado assunto, ao mesmo tempo que a vai fundamentando na observação empírica dos dados que recolhe (Coutinho, 2015).

Para Brown & Eisenhardt (1997, citados por Palma, 2008), é o *design* que mais se ajusta à geração de teoria nova sobre um dado fenómeno social, especialmente quando este se encontra ainda pouco explorado. Nasce a partir dos dados, é geradora e indutiva. Nela a análise de dados não é pré-definida, começa na observação e descrição dos dados observados. Assim sendo, é natural e desejável que a investigação se incida e seja guiada apenas pela questão a investigar.

Entretanto, a teoria surge à posterior aos fatos e a partir dos dados, fundamentando-se na observação dos sujeitos, na sua interpretação e significados próprios e não nas conceções prévias do investigador que, estatisticamente, as comprovaria e as generalizaria (Miles & Huberman, 1994, citado por Coutinho, 2015).

Conhecida como pesquisa de teoria fundamentada ou *Grounded Theory*, surgiu em 1967, sendo um método desenvolvido pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss em seu livro

The discovery of Grounded Theory, que se baseia no Interacionismo Simbólico (Creswell, 2007). Esses dois referenciais da Grounded Theory, como referencial metodológico e o Internacional Simbolismo, como referencial teórico utilizados em pesquisas qualitativas, justificam a nossa abordagem metodológica.

A *Grounded Theory* sofre forte influência do Interacionismo Simbólico; é uma perspectiva metodológica que compreende observar e entender o comportamento a partir do ponto de vista dos participantes; aprender sobre o mundo dos participantes, suas interpretações de si mesmo no contexto de determinantes interações e sobre as propriedades dinâmicas das interações (Locke, 2001).

Relativamente à referida perspectiva metodológica, propusemo-nos a analisar e compreender o processo de adesão ao terrorismo religioso, na faixa etária acima aludida, cujos pressupostos se fundamentam no paradigma qualitativo em que se acerca a problemática apresentada, numa lógica de compreensão do significado das ações humanas e com o objetivo de descrever, interpretar e avaliar o fenómeno a ser estudado.

Na tentativa de melhor compreender o enfoque motivacional de adesão ao terrorismo e com base na corrente do Internacionalismo Simbólico, focalizar-nos-emos na natureza da interação nas atividades sociais dinâmicas tomadas entre as pessoas, visando desenvolver conceitos abstratos, contrastando explicações no marco representativo de um contexto mais geral, com a pretensão de gerar teoria sobre a compreensão motivacional da adesão dos exemplos abaixo discriminados, por serem considerados relevantes e significativo, qualitativos e indutivo, que serão analisadas detalhadamente no terceiro capítulo:

1. Exemplo: A entrevista de Mowaffakal - Rubaie, (antigo conselheiro de segurança nacional iraquiano), sobrevalorizando ligeiramente o poder das redes sociais na ascensão do exército do terror (EI), cedida à AlJazeera (Weiss & Hassan, 2015);

2. Exemplo: O adolescente Abdelaziz Kuwan, de 16 anos de idade, que queria juntar-se à rebelião armada na Síria, mas os seus pais o proibiram de ir, porém ele desafiou-os e partiu, como tantos outros combatentes estrangeiros (Weiss & Hassan);

3. Exemplo: A entrevista de Christianne Boudreau, mãe de Damian – Abu Talha al-Kanadi, cedida por telefone à revista SÁBADO, nº 604;

4. Exemplo: O casal português, Fábio (Abdu) e Ângela (Umm), cujos relatos foram dados por familiares e amigos que conversaram com o jornal Expresso (Jornal Expresso, de 30 de Agosto a 06 de Setembro de 2014).

Stern & Berger (2015) afirmam que, por norma, os convertidos são bastante vulneráveis às ideias fundamentalistas, combinando um entusiasmo dominador comum desconhecimento sobre a nova religião, tornando-os suscetíveis aos recrutadores. Este perfil aproximado tem resistido durante décadas, através de múltiplos conflitos Jihadista (apresentando alguma correlação aos casos/exemplos acima descritos).

Os marcos iniciais da estruturação do movimento interacionista simbólico, cujo nome e principais pressupostos foram estabelecidos por Herbert Blumberg (1969), contribuíram para a evolução, fortalecimento e sustentabilidade da perspetiva teórica com possibilidades de ampliação dos estudos da vida social.

Blumberg fundamentou o interacionismo simbólico com base em três premissas:

1) o modo como um indivíduo interpreta os fatos e age perante outros indivíduos ou coisas depende do significado (ou significados) que ele atribui a esses outros indivíduos e coisas; 2) o significado, porém, é resultado dos (ou é construído a partir dos) processos de interação social; e 3) os significados podem sofrer mudanças ao longo do tempo.

Blumberg (1969) desenvolveu as primeiras formulações teóricas do interacionismo simbólico a partir de conceitos e princípios básicos extraídos da teoria da psicologia social, originalmente elaborados pelo filósofo e cientista social Georg Hebert Mead (1863-1931), e as empregou no estudo do comportamento coletivo, das massas, das multidões e do público em geral ([www.educacao.uol.com.br](http://www.educacao.uol.com.br)).

Como resultado final, a *Grounded Theory* permite chegar a um novo conceito, a uma nova teoria ou a um conjunto de proposições que estabelecem relações entre os atores sociais e as interpretações que estes fazem da realidade e que foram pensadas a partir de um processo de abstração em relação às experiências e aos significados recolhidos (Strauss & Corbin, 1998). Estas teorias permitem compreender, a fundo, um determinado fenómeno social.

### 2.6.1 O DESIGN DO ESTUDO

Em termos de *design*, é um trabalho imbuído, na medida em que aborda várias unidades de análise: desde os motivos que estão na base da adesão, a não limitação geográfica de recrutamento de seus membros e as diferentes categorias de recrutamento (neste trabalho, a categoria predominante é a dos estrangeiros).

A Grounded Theory foi seguida aqui como técnica de análise dos dados recolhidos e não como estratégia de investigação, a qual teria requerido uma recolha de dados mais variada e de diferentes fontes, por forma a garantir a triangulação dos dados.

Neste sentido, a utilização da *Grounded Theory* pode ser útil para a geração de novos conhecimentos, que melhor permita compreender os aspetos psicodinâmicos que estão na base do processo de adesão ao terrorismo. Por outro lado, a escolha da *Grounded Theory*, como método de análise dos dados, assentou no fato de esta apresentar uma sistemática no processo de análise (Strauss & Corbin, 1998). No caso em causa, a *Grounded Theory* vai permitir chegar à compilação de um modelo que permite explicar as motivações que estão na base da adesão ao terrorismo e facilitar, desta forma, o traçar do de um possível perfil psicológico de potenciais terroristas.

Para o presente estudo, o processo de investigação que contempla o *design*, a recolha e a análise dos dados, é sintetizada nos passos que se seguem: Inicialmente, para definir o objetivo do nosso estudo, começou-se por efetuar uma revisão de literatura sobre as temáticas em torno da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erickson, teoria motivacional de Viktor Frankl, da psicologia social e das massas e sobre o processo de adesão ao grupo terrorista Estado Islâmico. Esta revisão incidiu sobre artigos científicos, livros e relatórios técnicos sobre o processo de adesão ao terrorismo, que é universal e sobre os atos terroristas no mundo, dado que na investigação qualitativa a questão da investigação tende a surgir a partir de observações do mundo real e de dilemas.

De facto, o objetivo do estudo emergiu da constatação dos elevados números de atos terroristas (no período compreendido entre 2011 a 2015), a faixa etária com maior adesão ao terrorismo (dos 13 aos 30 anos de idade), os questionamentos sobre a sanidade dos atores, as incertezas e o pânico causado pelo terrorismo; acrescentando o facto de que os maiores casos são reivindicados pelo grupo Estado Islâmico, os seus autores são maioritariamente jovens.

Em seguida, procedeu-se à seleção dos quatro casos apresentados em nosso estudo, por nós considerados relevantes e significativos, dada a saturação teórica que apresentam, em conformidade com a abordagem qualitativa e indutiva da metodologia por nós escolhida, para a análise e compreensão das nossas questões de investigação. Os mesmos foram selecionados aleatoriamente, com base em critérios específicos, que permitiram um maior controle das variáveis externas, aumentando a generalização analítica.

### **CAPÍTULO III: FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA SOBRE O PROCESSO DE ADESÃO AO TERRORISMO**

Ao longo da história da humanidade, o homem nunca deixou de se questionar porque estamos aqui e qual é o sentido da vida. A esta pergunta subjaz à necessidade de identificar aquilo que verdadeiramente nos satisfaz e a confusão sobre como encontrá-lo (Atkison & Tomley, 2014).

Dada a necessidade de se sentir parte de algo, isto é, sentir-se acolhido os adolescentes, em especial nesta fase, veem-se confrontados com vários questionamentos existenciais. A busca por um sentido na vida abre uma janela de oportunidade para doutrinação radical que lhes forneça tal sentido (Félix, 2004).

Estudar o modo como as pessoas se comportam, as motivações para os seus atos e descobrir aquilo que são capazes de fazer fascina qualquer humano. Porque somos todos diferentes: a forma como cada um vê a mesma coisa ou como entende a mesma conversa, os diferentes sentimentos que podem experimentar, passando pela mesma situação, tudo isto é tão diversificado que cada pessoa é uma fonte de curiosidade para as outras pessoas (Carvalho, 2015).

#### **3.1 A TEORIA MOTIVACIONAL NA COMPREENSÃO DA ADESÃO AO TERRORISMO: DO SIGNIFICADO AO SENTIDO**

As teorias de motivação concentram-se nas necessidades internas que motivam ou impulsionam o comportamento.

David Clarence McClelland (1917-1998), psicólogo norte-americano, conhecido pelo seu trabalho sobre motivação, desenvolveu a teoria das necessidades adquiridas, composta por três fatores presentes na sociedade, inerentes aos seres humanos: *necessidade de realização; necessidade de prestígio/poder e a necessidade de filiação*. Tais necessidades fazem-se sentir por diversos níveis de intensidade.

Abordaremos com maior ênfase a necessidade de filiação que corresponde ao desejo de criar laços afetivos com outros, de criar um espaço de sociabilidade gratificante e de satisfazer a necessidade de pertença.

O sentimento de trabalhar para uma causa comum, a vontade de o fazer e o gosto pela cooperação despertam e reforçam a necessidade de filiação, esta, pode, contudo, em situações de carência, de dependência e de falta de autonomia conduzir a indesejáveis atitudes de conformismo e de obediência (Rodrigues, 2002).

Abraham Maslow<sup>4</sup> — considerado um dos fundadores do movimento humanista em psicologia — estudou a experiência humana, atendendo os aspetos mais importantes para o ser humano: o amor, a esperança, a fé, a espiritualidade, a individualidade e a existência. Um dos pontos fundamentais da sua teoria era que, para alcançar o estado de consciência mais desenvolvido e atingir o maior potencial, isto é, para se auto realizar, o indivíduo deve descobrir o seu verdadeiro propósito na vida e trabalhar por ele (Atkison & Tomley, 2014).

Maslow buscou compreender o homem dentro de uma perceção multidimensional, ao conceber um plano muito preciso para explicar a motivação como o caminho para a satisfação das necessidades humanas e definir os passos que o ser humano tende a dar no seu progresso em direção a autorrealização. A sua famosa hierarquia de necessidade representa-se como uma pirâmide com as necessidades primordiais na base e os outros requisitos essenciais para ter uma vida plena agrupados até ao pico.

Vejamos abaixo a versão inicial da pirâmide das necessidades de Maslow.

---

<sup>4</sup> Deu início a construção dos estudos de psicologia transpessoal, cujo significado abraça tudo aquilo que vai além do pessoal, da camada externa do indivíduo. Porém, a psicologia transpessoal, trabalha o descobrimento da essência humana e como o indivíduo pode crescer além dos limites do Ego.



Imagem n.º 1



FONTE: O livro da Psicologia – Atkinson & Tomley – 2014, pág. 139.

As necessidades de crescimento incluem as cognitivas (saber, compreender) e os requisitos que definem o propósito da vida e conduzem à profunda satisfação espiritual e psicológica, de entre elas: a *autorrealização* e a *Auto transcendência*. A *autorrealização* é o desejo do eu ligar-se com algo mais elevado que nós mesmos – com Deus – ou ajudar os outros a concretizar o seu potencial. Já a *Auto transcendência* é a necessidade de profunda satisfação espiritual, o chamamento.

Viktor Emil Frankl (1905-1997), em sua obra “Em busca de Sentido”, apresenta uma excessiva preocupação com a autorrealização como um possível sinal de uma frustração da vontade de sentido, fazendo uso da metáfora do bumerangue «que só volta ao caçador que o atirou se seu alvo não tiver sido atingido». Segundo Frankl – 1988, o homem só se volta para si como centro maior de suas preocupações se tiver falhado na busca de sentido (Revista da Associação Brasileira, 2014). Para Frankl, o homem sempre procurou dar um sentido à sua vida e se aprofundar em sua existência. A falta de sentido e o sofrimento humano evidenciam o vazio existencial que muitos experimentam (Frankl 1994).

### **3.1.1 RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DE VIDA**

A questão fundamental do ser humano não é compreender sua religião (natureza material), mas a sua espiritualidade, apresentada como uma dimensão característica dos seres humanos, uma expressão que assinala a totalidade do ser enquanto sentido e vitalidade, conforme a dinâmica da vida (natureza espiritual). Esta é caracterizada pela intimidade do ser humano com algo maior. Ela é o “gene da criação”, presente em cada criatura, quer tenha ou não uma

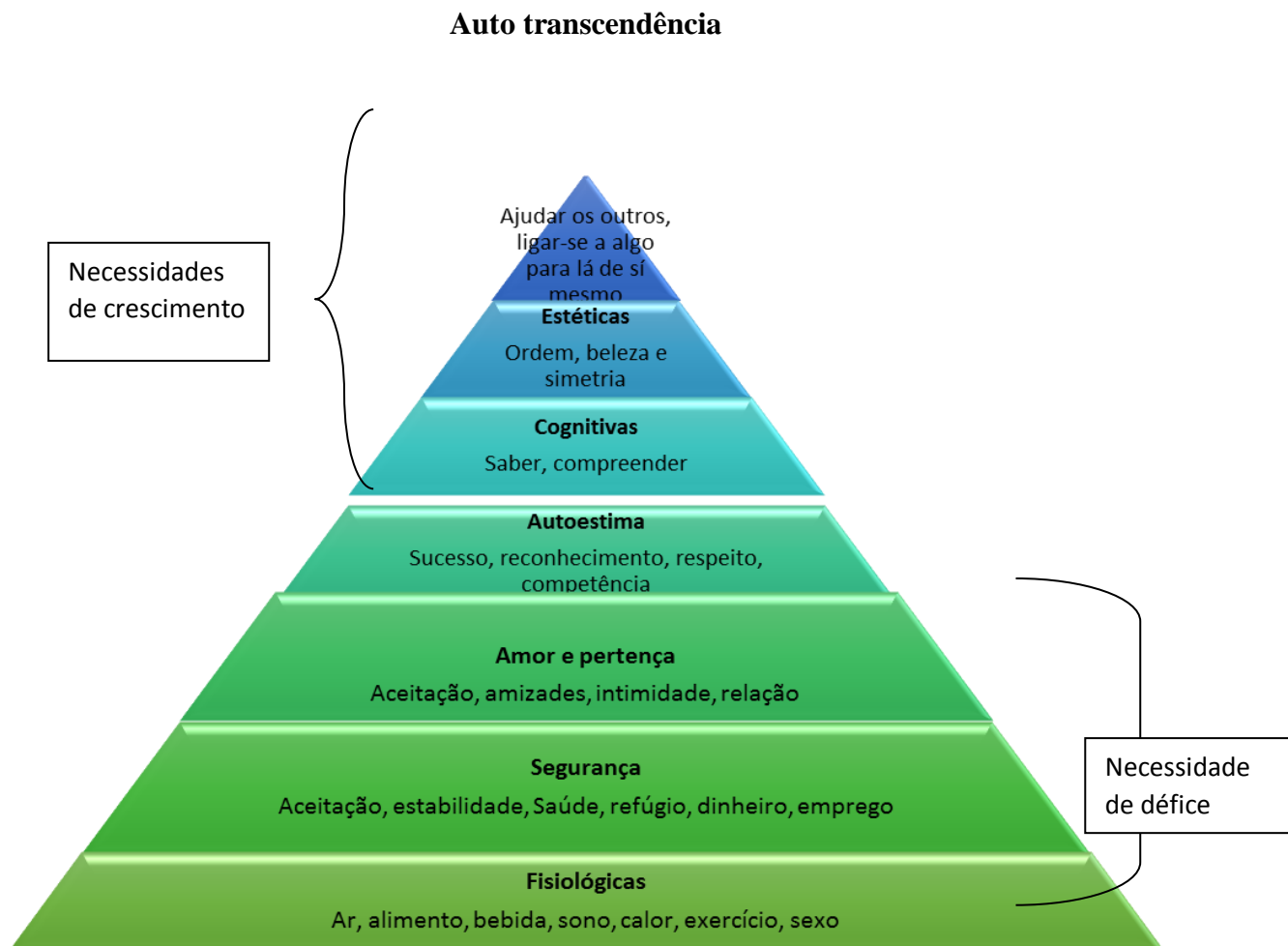
religião. A espiritualidade permite uma visão mais ampla, mais aberta das coisas, é a subtileza do transcendente (Mazzarollo, 2011).

O sentido da vida, enfatizado por Frankl, é como uma realidade ontológica e não uma criação cultural. Em vez de criar um sentido, a mente tem de se submeter a ele. Uma vez encontrado, o sentido não tem de ser moldado pela mente, mas a mente pelo sentido (Frankl, 1994).

A autorrealização não constitui a busca última do ser humano, prova disto aos mártires masculinos do Estado Islâmico (EI) os que morrem pela *jihad*, o Corão promete 72 virgens e força suficiente para “coabitar com elas desde o amanhecer”, isto no mais elevado dos sete níveis do paraíso. Já para as mulheres que morrem pela *jihad*, a resposta é a promessa de um só homem, o seu marido na Terra (se forem casadas) ou o último marido (se tiverem casado várias vezes). As organizações jihadistas contemporâneas concordaram que as mulheres no paraíso também teriam direito a “voltar a ser jovens, virgens e mais belas”. Segundo esta fé, todos os mártires têm direito ao céu, o que podem esperar.

Para Frankl, a classificação que Maslow faz das necessidades “não explica o fato de que quando as mais baixas não são satisfeitas, uma necessidade mais elevada, o desejo de sentido pode transformar-se na mais urgente de todas. A verdadeira felicidade, para Frankl, está na esperança ativa e não exatamente na realização do sonho (Frankl, 2005).

Vejamos abaixo a versão final da pirâmide das necessidades de Maslow, considerando as abordagens de Frankl:



FONTE: O livro da Psicologia – Atkinson & Tomley – 2014, pág. 139.

### 3.1.2 A TEORIA PSICANALÍTICA E O TERRORISMO RELIGIOSO

Sigmund Freud (1921), em seu brilhante trabalho "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", elucida com mestria esses fenómenos, ao questionar como um grupo pode adquirir a capacidade de exercer influência tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo. Demonstra como a estruturação de uma espécie de mente coletiva o faz sentir, pensar e agir de modo, por vezes, muito diverso daquele que adotaria se estivesse fora da influência do grupo (Goldenberg, 2014).

Para Freud (1921/1969), o indivíduo inserido no grupo adquire um sentimento de poder invencível que colabora para uma permissão da liberação de pulsões que seriam mantidas sob

coerção se ele estivesse sozinho. Assim, as relações interpessoais geradas no grupo promovem, no indivíduo, um afrouxamento importante das repressões de pulsões agressivas inconscientes.

Essa influência magnética, provocada pelo grupo e sua liderança, opera no indivíduo uma perda completa de sua personalidade consciente, fazendo-se com que ele obedeça a todas as sugestões do líder, podendo ele inclusive cometer atos em completa contradição com o seu caráter e hábitos (Goldenberg, 2014).

Freud, novamente, ajuda na compreensão do terrorismo religioso ao entender que, pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escada da civilização. Isolado, pode ser um homem culto; numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age por instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos (Fromm, 2003).

A onipotência assume sua expressão máxima na medida em que o indivíduo acredita firmemente estar atendendo, com seus atos suicidas, aos desígnios de Deus (Werlang & Oliveira, 2006).

### **3.1.3 TEORIA SOBRE O TERRORISMO SUICIDA SEGUNDO ROBERT PAPE**

Para explicar a lógica individual do terrorismo suicida, Robert Pape trabalha a questão do suicídio enquanto fenômeno social, baseando-se amplamente nos trabalhos do sociólogo Émile Durkheim que define o suicídio como um ato consciente, executado pela própria vítima que resulta em sua morte. Esta teoria embasa-se, inclusive, em observações do âmbito religioso, sugerindo uma possível teoria de que há então um menor controle sobre os fiéis «controle social». Dessa forma ela busca demonstrar como as causas dos índices de suicídio podem ser sociais (Pape, 2010).

Robert Antony Pape Jr., afirma que aqueles que cometem atentados de terrorismo suicida são pessoas que normalmente possuem uma boa vida, com emprego, são escolarizadas, possuem alto grau de territorialidade e pertencem a uma comunidade e fazem parte de organizações e instituições da sua cidade ou comunidade (Pape, 2010).

Numa visão bio-psico-social sobre os processos grupais, verificamos que os indivíduos estão fortemente arraigados pelo coletivo que por vezes têm o dever de se matar e o fazem, sendo compenetrados inclusive de certo sentimento de heroísmo. No entanto, isso não ocorre apenas em prol da pátria, mas sim em prol da ideologia, sendo perceptível a perda do juízo avaliativo.

Robert Pape (2010), caracteriza o terrorismo suicida moderno pelos seguintes aspetos: 1) os grupos terroristas são mais fracos que seus oponentes – Estado; 2) o objetivo político do grupo é apoiado por uma porção da comunidade nacional; 3) os indivíduos possuem elevado grau de camaradagem e devoção aos líderes dos grupos terroristas; 4) os grupos possuem ritos de iniciação que aumentam o comprometimento de um indivíduo; 5) grupos podem receber assistência material de Estados que tem aspirações políticas em comum, mas geralmente são independentes; 6) o terrorismo suicida moderno é altamente letal.

A Teoria de Robert Pape, sobre a lógica estratégica do terrorismo suicida, mostra que o terrorismo suicida segue uma lógica estratégica, projetada especificamente: para coagir o democrático liberal moderno em concessões territoriais significativas; para atingir objetivos políticos específicos; para mobilizar recrutas e apoios financeiros suplementares. Em sua opinião, o terrorismo suicida moderno possui uma lógica estratégica, social e individual (Pape, 2005).

Volkan (2002) menciona que se estabelecem cortes significativos nas relações entre “voluntários” e seus familiares, bem como a proibição de acesso à música e à televisão. Dois dias antes do sacrifício, o candidato deverá sair de casa, assinar seu testamento e escrever suas últimas cartas aos amigos e familiares, explicando sua decisão e falando de suas expectativas a respeito do “paraíso”. Por vezes fitas de vídeo são gravadas, mostrando seu último adeus e, para evitar desistência de última hora, fotos, posters e vídeos do candidato em “posições heroicas” são montadas para divulgação logo após o ataque suicida, tornando uma possível volta atrás humilhante e covarde (Werlang & Oliveira, 2006).

O suicídio fundamentalista possui particularidades que o distinguem de outras formas de dar fim a vida; aqui há uma determinação de morrer, mas também de matar e de preferência o maior número de vítimas possíveis. Diferentemente do terrorismo político que se preocupa, com o facto de que “muchacha gente mire, pêro no mucha gente muere” (Corsi e Peyrú , 2003).

O terror religioso opta ao contrário, por utilizar os métodos mais violentos sem qualquer preocupação com a opinião pública ou com as numerosas vítimas fatais e suas enlutadas famílias, porém, por completo a capacidade de empatia; a destruição parece ser um fim em si mesmo; as vítimas serão apenas instrumentos para se alcançar este objetivo. Tudo sob os auspícios de Deus (Lopez, 2007).

### 3.2 O PROCESSO DE ADESÃO AO GRUPO JIHADISTA ESTADO ISLÂMICO

«Apresentem-se, ó muçulmanos, em direção ao vosso Estado. Sim, é o vosso Estado. Apresentem-se, porque a Síria não é para os sírios e o Iraque não é para os iraquianos. » Abu Bakral-Baghdadi anunciava assim o fim do ISIS e o nascimento do Estado Islâmico, em 28 de junho de 2014, primeiro dia do Ramadão, pregando do púlpito da Grande Mesquita de al-Nuri em Mossul (Weiss & Hassan, 2015), anunciava, desse modo, a instituição de um califado que se alongava sobre a fronteira entre o Iraque e a Síria, exaltando assim a adesão sem fronteiras ao E.I.

Al-Baghdadi descreveu a sua organização como sendo um Estado em que árabes e não árabes, brancos e negros, orientais e ocidentais serão irmãos, ou seja, a Síria não pertence aos sírios e o Iraque não pertence aos iraquianos. O mundo pertence à Alá (Cockburn, 2015).

Com uma grande capacidade de persuadir jovens, em particular aqueles que têm pouca experiência religiosa, o E.I usa dinheiro e palavras de justiça e guerra contra ladrões para atrair pessoas. Muitos dos que se juntam ao EI foram atraídos pelo poder de persuasão, nunca tiveram educação religiosa e mal conseguem memorizar alguns versículos do Alcorão (Weiss & Hassan, 2015).

Após a tomada de Mossul, o EI propôs um novo modelo de sistema de admissão para as forças locais pré-existentes nas quais ainda não confia e os denominou **munasir** (apoiantes) para os distinguir de **ansar** (termo usado pelos jihadistas para se referir aos membros locais, grupo de oposição aos muhajirin ou combatentes estrangeiros).

Um munasir tem de jurar fidelidade ao E.I sem aceder à sua estrutura. Estes membros de segunda linha recebem salários e na sua maioria cumprem os papéis de polícias e funcionários municipais subalternos nas suas áreas e podem ser chamados como reforço para as suas tropas na linha da frente.

O número, em todo mundo, cresce cada vez mais, registam-se pessoas atraídas pela propaganda do E.I e aliciadas a participar na violência, chegando até a confirmarem o apelo global da sua mensagem: uma mensagem segundo a qual o mundo virtual em que agora vivemos também pode produzir novos atos irracionais e bárbaros de violência.

Fora do Iraque e da Síria, as motivações para se juntar ao E.I alteram-se drasticamente e são, quase sempre, alimentadas por graves mal-entendidos sobre o que está a acontecer em qualquer país.

### **3.3 O PROCESSO DE ADESÃO AO TERRORISMO**

É uma atividade que permite à organização captar os meios humanos de que necessita e, desta forma, colmatar as carências sobre o quantitativo de recursos humanos que deverá possuir (Silva,2012).

Na declaração do califado, em junho de 2014, o E.I começou a realçar e a amplificar os temas relacionados com a sociedade que pretendia criar. Como parte de sua propaganda, a mensagem do califado teve uma dimensão que ultrapassou o simples objetivo de revelar o E.I na sua melhor condição, o novo propósito refletia um mandato emitido por Abu Bakaral-Baghdadi no apelo a adesão sem fronteira:

«Muçulmanos de todo mundo, quem for capaz de realizar a hijrah (emigração) para o Estado Islâmico que o faça, pois a hijrah para a terra do islão é obrigatória. Apelamos especialmente aos académicos, especialistas legais islâmicos e interlocutores, principalmente juízes, assim como a pessoas com competências militares, administrativas e de serviços; médicos e engenheiros oriundos de diferentes áreas de especialização, profissionais voluntários e angariadores de fundos. Precisamos trabalhar com pessoas que possam construir casas e trabalhar com tecnologia. Temos tarefas para toda gente. Para estes profissionais, bem assim para os combatentes, a emigração é uma obrigação» (Stern & Berger, 2015, pág. 112).

O E.I não é apenas uma organização terrorista. É um exército convencional que mobiliza e dispõe soldados de infantaria com um profissionalismo que tem impressionado a todos que se dedicam a estudá-lo. É um aparelho sofisticado de recolha de informações, que se infiltra em organizações rivais e recruta em silêncio para as suas fileiras. É uma máquina de propaganda

bem oleada que dissemina a sua mensagem com eficácia e apela a novos recrutas através das redes sociais (Napoleoni, 2015).

Promove a imagem de um Estado genuíno e legítimo pela população muçulmana, internacionalmente. Os seus soldados estrangeiros vêm de vários países do mundo, oferece a qualquer pessoa a oportunidade de se converter ao safismo sunita (Napoleoni, 2015).

### **3.3.1 FORMAS DE ADESÃO AO TERRORISMO**

Os possíveis militantes podem ser encontrados de diversas formas, contudo, existem algumas mais viáveis para recrutar seguidores:

#### **Em rede (networking)<sup>5</sup>.**

As relações pessoais assumem uma importância crucial no recrutamento de indivíduos por parte de organizações terroristas.

A adesão em rede, através de mecanismo de introdução, representa um dos moldes mais comuns de adesão a um grupo terrorista. Desta forma, um indivíduo que se relacione com outro para quem pertencer a um grupo terrorista constitua uma parte central da identidade social, terá muita dificuldade em manter essa relação sem vir a partilhar os valores e preocupações do outro. Assim, os indivíduos com ligações significativas a pessoas relacionadas com o terrorismo, sentirão um impulso motivacional para se ligarem também elas à ideologia e se envolverem com a organização terrorista (Silvia, 2012).

Dada a forma de ligação entre o indivíduo e a organização, a adesão em *networking* pode ser considerada um processo de *bottom-up* (abordagem de cima para baixo), ao avaliar que o indivíduo procura a organização e voluntaria-se para missões, identifica-se com valores, atitudes e características da mesma

---

<sup>5</sup> Atividade em que as pessoas se reúnem para estabelecer relacionamentos, criar, agir, buscar e partilhar informações.



### **3.4 CATEGORIAS DE ADESÃO AO ESTADO ISLÂMICO**

Existem várias categorias de adesão ao grupo EI, de entre elas as seguintes: noviços, curdos, indecisos, políticos, oportunistas, estrangeiros e pragmáticos. Neste trabalho, abordaremos, com maior ênfase, sobre a categoria dos estrangeiros.

Segundo Jéssica Stern (citada por Stern & Berger, 2015), na categoria dos estrangeiros existem ainda subcategorias de perpetrados prováveis fora da Síria e do Iraque, em todo mundo: recrutas que voltam dos campos de batalha para levarem a guerra santa à sua região; elementos locais ou auto recrutados, inspirados pelo EI e pela sua ideologia, acredita-se que seja por intermédio das redes sociais ou contratados por terroristas experientes oriundos das suas fortalezas.

O típico combatente Jihadista do grupo é masculino e tem entre 18 e 29 anos, embora existam alguns com mais de 30 anos. Para além da idade e do género, existem poucos padrões consistentes e nenhum perfil confiável que nos permite identificar potenciais combatentes estrangeiros, mas entre os recrutas ocidentais pode ser encontrado um número desproporcional de convertidos (Stern & Berger, 2015).

Os combatentes estrangeiros têm necessidades pessoais que são satisfeitas quando se juntam a uma organização e essas necessidades pessoais podem tornar-se mais importantes ao longo do tempo, maioritariamente “querem encontrar um sentido para a vida”.

Segundo Scott Atran (citado por Stern & Berger, 2015), os voluntários ocidentais encontram-se muitas vezes em estado de transição. São frequentemente emigrantes ou estudantes que estão entre empregados ou entre namoradas/parceiros e procuram novas famílias de amigos ou de viajantes. Por norma, não têm uma educação religiosa tradicional e renascem numa vocação religiosa radical através do apelo da jihad militante.

### **3.5 ASPETOS PSICODIDÂMICOS DO PROCESSO DE ADESÃO**

O EI recruta ativamente crianças para serem enviadas para campos de treino e depois usadas em combates, incluindo missões suicidas. O EI controla estritamente a educação das crianças no território sob sua jurisdição. Os que têm menos de 15 anos vão para o campo Shiriah, a fim de aprenderem acerca do seu credo e religião. Os que têm 16 anos podem frequentar o campo

militar. Aqueles com mais de 16 anos, que já estiveram nos campos, podem participar em operações militares (Stern & Berger, 2015).

Nasir Ahmad Nasir Abdallahal-Bahari (ex-guarda-costas de Bin Laden), em entrevista com os jornalistas Weiss & Hassan (2015), dividiu a vida no campo de treino na fronteira entre Afeganistão e Paquistão, incluindo Sadaal-Malahim (eco da batalha) em três fases distintas de treino e instrução: A primeira era o período da experimentação, que duravam quinze dias, durante os quais o recruta era sujeito a "exaustão psicológica bem como moral", evidentemente destinada a separar os "moles" dos verdadeiros guerreiros. A segunda era o período de preparação militar, que durava 45 dias, durante os quais o recruta era ensinado a manejar armas ligeiras e depois passava aos mísseis terra/ar carregados ao ombro e a cursos de cartografia. A terceira e última fase era o curso de táticas de guerrilha, que ensinava teoria militar/clausewitzista para terroristas (Weiss & Hassan, 2015).

### **3.6 FATORES DE ADESÃO AO TERRORISMO**

Segundo Kruglanski e Fishman (2006), o terrorismo pode ser analisado a partir de três níveis psicológicos - individual, grupal e organizacional – que são interdependentes e se reforçam mutuamente (Silva,2012).

O **nível individual** diz respeito ao comportamento terrorista e traços de personalidade;

O **nível grupal** compreende o processo de construção de uma realidade partilhada, as dinâmicas de influência social no recrutamento, instrução, e o papel da linguagem na formação de normas; por fim,

O **nível organizacional** diz respeito ao treino, logística e às questões de custo-benefício das ações terroristas. Assim, para atingir objectivos, a organização depende dos processos grupais, que operam ao nível individual.

Segundo Kruglanski & Fishman 2006 (citados por Silva,2012), “o funcionamento organizacional pressupõe prontidão dos indivíduos para participar das tarefas definidas pela organização; essa prontidão advém das propensões e tendências individuais dos membros, e

da sua amplificação através dos processos grupais de socialização e instrução”. Destes três níveis resulta a cultura do terrorismo.

Os psicólogos Horgan e Taylor (citados por Carvalho, 2015) notam que, mediante a condição em que se encontra o terrorista: permanecer envolvido, passar a atos terroristas ou se desligar do terrorismo; a resposta pode envolver fatores diferentes, com diferentes enquadramentos e contextos (relacionado ao nível individual). Para Horgan e Taylor, entre os fatores psicológicos-chaves para compreender como e porquê indivíduos numa determinada envolvente entram no processo de se tornar terroristas, está o **motivo** e a **vulnerabilidade**.

### O Motivo

Segundo Carvalho (2015), motivo é uma emoção, desejo, necessidade fisiológica ou impulso semelhante que age como um incentivo à ação. Já vulnerabilidade é a suscetibilidade ou a fraqueza de sucumbir à presunção ou tentação.

Muitos estudos centram-se em distinguir os motivos externos e internos.

Os *motivos externos* estão relacionados com a perceção que o indivíduo tem dos eventos mundiais de grande escala. Apesar de muitos analistas e legisladores terem indicado Estados fracos, educação e desvantagem económica e sociais como fatores motivacionais externos, entre aqueles que estudam o extremismo em profundidade, existe pouco consenso e muita disputa sobre a importância destes fatores. Na maior parte das vezes, os fatores citados pelos próprios extremistas apontam para a importância de situações muito específicas como: um conflito militar ou uma campanha genocida que, por norma, envolve vítimas do grupo identitário de um potencial recrutador. Já os *motivos internos* advêm dos desejos e necessidades de um indivíduo, a nível das vantagens decorrentes da integração num grupo extremista, tais como sentimentos de pertença, fuga para uma nova identidade, aventura ou dinheiro (Stern & Berger, 2015).

Dentre os motivos internos, destacamos as características apresentadas por Knobel (1980), na sua obra sobre Síndrome Normal de Adolescência:

1. Busca de si e da identidade - construída ao longo da vida e tem especial importância na adolescência. O conceito de identidade engloba vínculos de integração espacial, temporal e social. Na busca de sua identidade, o adolescente recorre a situações que

se apresentam as mais favoráveis no momento, uma delas é o processo de identificação em massa, que explica o fenómeno grupal;

2. Tendência grupal - Maurício Knobel (1980) assinala ainda que a busca de uniformidade é um comportamento defensivo que proporciona segurança e estima pessoal. A dependência do adolescente aos valores do grupo é escravizante. Precisa de aplausos, julgando-se sempre conforme a sua aceitação exterior,

3. Crises religiosas - O adolescente pode manifestar-se como um ateu intransigente ou um místico fervoroso, vivendo uma variedade de posicionamento entre estes dois extremos. As figuras idealizadas, oferecidas pela religião, permite-lhe a garantia de continuidade de sua própria vida e dos que lhe são queridos;

4. Atitude social reivindicatória - Grande parte da oposição que os adolescentes vivem, com relação à família, é transferida para o meio social, projetando no mundo externo as suas raivas, suas rejeições e suas condutas destrutivas.

## **A Vulnerabilidade**

Horgarn enquadrava a questão da vulnerabilidade como fator que aponta para uma maior "abertura" a um compromisso mais acrescido relativamente aos demais. Os aspetos psicossociais de comportamentos, motivados por crenças e valores, destacam-se a injustiça, a identidade e a pertença.

### *Injustiça*

A injustiça percecionada é reconhecida como um fator central na compreensão da violência geral e específica do terrorismo. Já nos meados dos anos 70, concluíam-se que a injustiça reparável é uma motivação básica para o terrorismo; um desejo de desforra ou vingança é uma resposta vulgar para reparar ou remediar um dano de injustiça cometida sobre outrem (Carvalho, 2015).

Baseado numa análise de múltiplos grupos extremistas com um leque de ideologias diversas, Borum (2004, citado por Carvalho, 2015) verificou um conjunto de fases observáveis comuns a muitos indivíduos em grupos extremistas e aderentes zelosos de ideologias extremistas, onde a injustiça passa a ser a culpa de uma política dirigida, a uma pessoa ou nação. Borum (2004) descreveu, ainda, o desenvolvimento de ideias extremistas e a sua justificação da violência nas quatro fases seguintes:

O Contexto socioeconómico - o ponto de partida é uma queixa ou sentido de insatisfação. A natureza da condição indesejável pode variar, mas quem a experimenta, percebe-a de alguma maneira como inimiga, considerando o reforço e a aceitação social como fatores importantes.

A Comparação - desigualdade/ressentimento, as percepções de injustiça surgem, geralmente, quando um indivíduo acaba por ver a condição de contrariedade num contexto em relação as suas próprias expectativas ou como essa condição afeta ou não os outros.

Atribuição - ao atribuir culpas, quem acumulou ressentimento tem agora um alvo a quem dirigir, um mundo em que as pessoas têm aquilo que merecem e aonde merecem aquilo que têm. Se elas próprias são vítimas de injustiça, então partem do princípio de que a culpa dessa condição é de alguém que não elas.

Reacção - o que facilita a violência é a queda (por vez intencional) de barreiras psicológicas e sociais que inibem o comportamento agressivo. Tal pode envolver a criação de justificações para as ações de cada qual e ou desumanizar, até certo ponto, as vítimas, apelidando-as de más.

Não é difícil de imaginar que uma das fortes motivações por detrás do terrorismo seja a vingança, como motor obsessivo, é um motivo poderoso de violência contra outrem, particularmente pessoas que se pensa serem responsáveis pelas injustiças.

### *Identidade*

A identidade psicológica, de cada qual, é um sentido estável de si mesmo e uma segurança com determinação nos seus próprios valores, atitudes e crenças. Do ponto de vista do desenvolvimento, a formação da identidade ocorre tipicamente numa crise de adolescência ou da jovem idade adulta, é tumultuosa e emocionalmente desafiadora. No entanto, o desenvolvimento bem-sucedido da identidade pessoal é essencial à continuidade e integridade da personalidade (Carvalho, 2015).

Ser membro de um grupo terrorista fornece um sentido de pertença àquelas personalidades cujo sentido subjacente de identidade tem uma falha. Um mecanismo semelhante é aquele em que a busca desesperada de um significado pessoal empurra o indivíduo para que este adote

papel de fazer avançar uma causa, com pouca ou nenhuma análise cuidadosa ou consideração de seu mérito.

### *Pertença*

Em grupos extremistas radicais, como é o caso do EI, muitos terroristas encontram não só um sentido de significado, mas também um sentido de pertença, ligação e afiliação. Para indivíduos alienados, à margem da sociedade, juntar-se a um grupo terrorista representa o primeiro verdadeiro sentido de pertença depois de uma vida inteira de rejeição, tornando-se o grupo terrorista na família que nunca tiveram. Este forte sentido de pertença tem uma importância crítica como fator motivacional para adesão ao terrorismo, como razão obrigatória de permanência e como forte influência para agir. É criado, assim, um ninho de proteção que oferece abrigo dum mundo hostil.

As observações sobre o recrutamento terrorista mostram que muitas pessoas são influenciadas a aderir pela procura de solidariedade com a família, amigos ou conhecidos e que, para os indivíduos que se tornam terroristas ativos, a atração inicial é muitas vezes pelo grupo ou pela comunidade de crentes mais do que por uma ideologia abstrata ou pela violência (Carvalho,2015).

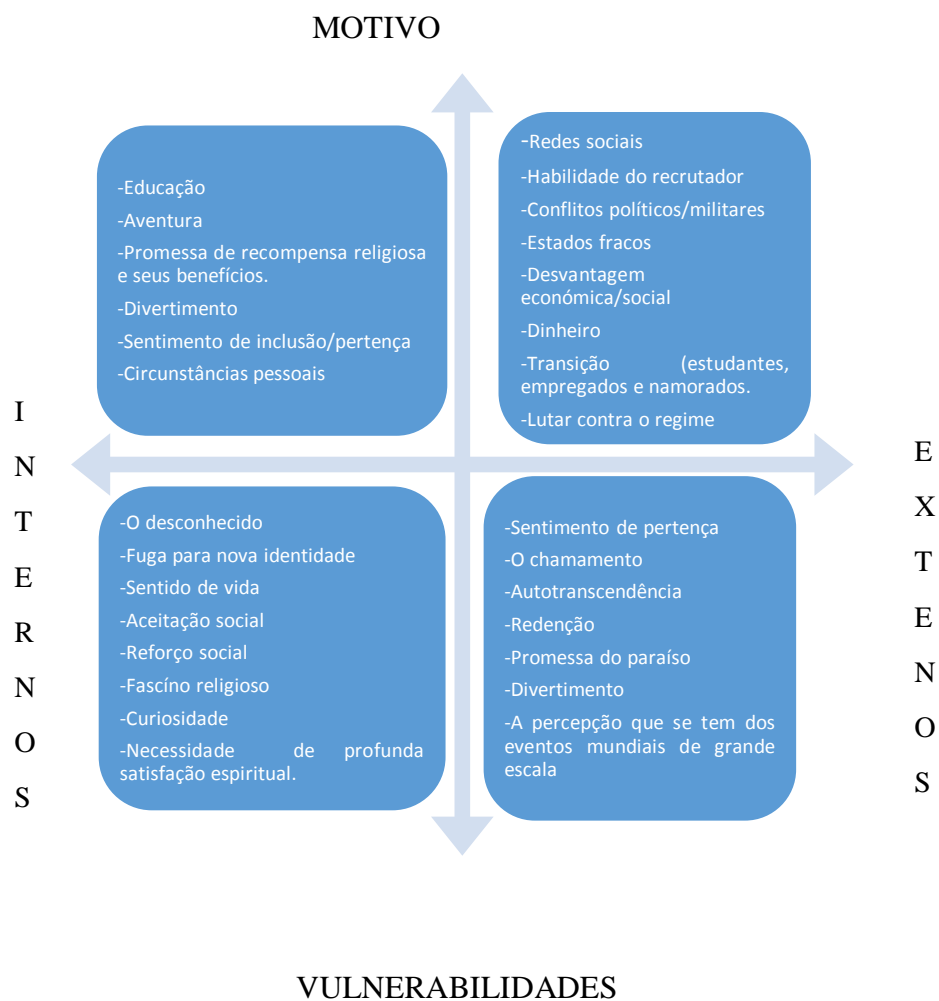
Dentre os fatores acima descritos e mencionados, há ainda o fator ocasião. Por muito importante que possam ser estes fatores de motivação, para compreender plenamente o processo de adesão ao terrorismo a motivação não pode ser considerado de forma isolada da oportunidade. Ou seja, as pessoas seguem num caminho para e muitas vezes através da radicalização ao terrorismo e às organizações terroristas. Esse caminho pode ser diferente para pessoas diferentes e ser afetado por uma vasta série de fatores (Stern & Berger,2015).

De acordo com as abordagens da teoria de identidade social de Henri Tajfel, (TIS), que se baseia no pressuposto de que todos os indivíduos têm necessidade de autoconceito positivo e que a nossa pertença em grupos nos ajuda a conseguir definir e a manter o autoconceito. Esta teoria defende que as avaliações positivas de si próprio e dos membros do seu grupo processam-se com base em comparações, de modo que alimentemos o caráter positivo da nossa identidade social quando o nosso grupo tem mais sucesso, comparado com um outro grupo (Vala & Monteiro, 2013).

Nesta perspectiva, a adesão ao terrorismo não é produto de uma decisão única, mas antes o resultado final de um processo que empurra, gradualmente, um indivíduo em direção a um compromisso para com a violência através do tempo.

Resumindo os motivos e vulnerabilidades como fator de adesão ao nível individual e grupal:

*Figura n.º 3*



Fonte: Adaptado de Carvalho (2015)

### **3.6.1 RAZÕES QUE LEVAM À ADESÃO E PERMANÊNCIA AO TERRORISMO**

Pelo fato de não haver uma resposta fácil nem motivação única para explicar porque se tornam as pessoas terroristas, verificando que as motivações podem ser diferentes em cada fase e em cada indivíduo e que podem até nem estar necessariamente relacionadas entre si, os processos e caminhos são bastantes variados, de entre eles:

*O papel das experiências individuais* - o enquadramento das experiências de vida na compreensão do caminho para o terrorismo é feito com base em temas emocionais e comportamentais. Carvalho (2015) considera três aspetos de experiências individuais: a injustiça, os maus tratos ou abusos e a humilhação parecendo, tão estritamente ligados, difícil de separar os efeitos e contributos de cada um deles, concluindo que a maior parte dos maus tratos e abusos são injustos.

Não pretendemos com isso generalizar nem afirmar que os terroristas surgem como indivíduos que na infância ou na juventude sofreram abusos físicos crónicos ou humilhações emocionais profundas.

Da análise feita em torno da nossa pesquisa, constatamos que grande parte dos líderes do terrorismo islâmico, no seu perfil, aparece como experiência de vida vivências em cadeias ou prisões.

Segundo Andrew Thompson (citado por, Stern & Berger, 2015), que trabalhou num dos centros de detenção geridos pelos Estados Unidos no Iraque, afirma num artigo, que a estrutura de Campo Bucca facilitava uma maior radicalização entre os prisioneiros. Os autores afirmavam que antes da sua detenção, Al-Baghdadi e outros elementos radicais violentos, determinados a atacar os Estados Unidos, durante o tempo que passaram na prisão aprofundaram o seu extremismo, o que lhes ofereceu a oportunidade de aumentarem o seu número de seguidores.

*Acreditar que se é bom ou distorção do mal* - a ideologia é muito frequentemente definida como um conjunto de regras comuns e largamente consensuais subscritas por um indivíduo, que ajudam a regular e determinar o comportamento. Estas regras estão, de facto, ligadas e são até guiadas pelas crenças, valores, princípios e objetivos de cada um. A diferença entre uma ideologia e uma visão do mundo depende da perspetiva pessoal, da função de agir, não



só para fornecer linhas de orientação para o comportamento, mas, também, como uma lente através da qual percebemos e interpretamos a informação, pistas e acontecimentos na nossa envolvente (Carvalho, 2015).

Percebe-se que a ideologia controla o comportamento dando uma série de contingências que ligam o comportamento imediato (como a violência), a resultados distantes (por exemplo um novo Estado, uma recompensa no paraíso). E ainda, os resultados ou recompensas têm que ser motivadores ou reforços fortes, ou seja, têm que ser ardentemente desejados (Stern & Berger, 2015).

***Ideias simples, fortes convicções*** — entre aqueles que subscrevem a ideologia, não confiar na prova dos sentidos e da razão é heresia e traição. Já há muito se percebeu que a mente que faz perguntas, que se debate, se abre e desafia ideias, será uma fonte de divisão para um movimento terrorista que se quer manter firme. Eles precisam de crenças rígidas que transmitam segurança e que sirvam de justificação aos atos terroristas (Carvalho, 2015).

As ideias, crenças e comportamentos do reino do mal são imorais, perigosas, destrutivas e ameaçadoras; assim ficam justificadas as agressões contra infiéis, como uma defesa e até mesmo uma obrigação moral.

### **3.7 LOCAIS DE PROMOÇÃO DO TERRORISMO**

Nos processos de radicalização, as conexões físicas assumem um papel de extrema importância durante o recrutamento, mesmo os indivíduos auto-recrutados através da internet, posteriormente, encontram-se com membros da organização, para seguimento do processo inicial de adesão. Este contacto físico pode ocorrer através de qualquer instituição promotora do terrorismo: *offline* (prisões/cadeias, mesquitas, madraças...) e *online* (redes sociais-internet).

#### **Prisões**

Figuras mais radicais detidas Campo Bucca, partilhavam a mesma cela com indivíduos menos ameaçadores, alguns dos quais não cometiam nenhum crime violento, tal junção, permitia aos extremistas espalharem a sua mensagem. As prisões transformaram-se em centros de recrutamento e em campos de treino para os terroristas que os Estados Unidos estavam a

combater. A radicalização da população prisional era evidente a todos aqueles que prestassem atenção (Stern & Berger, 2015).

Para o Major-general Doug M. Stone (que comandou as operações de detecção em Camp Cropper, Camp Bucca e Camp Ashraf), o E.I não estava apenas a usar as prisões dirigidas pelos americanos como “universidade Jihadista”; estava ativamente a tentar infiltrar-se nelas para cultivar novos recrutas. Stone assumira, no Campo Bucca, uma das maiores áreas de celas, tinha a alcunha de Campo Califado. Todos os antigos oficiais iraquianos de topo e baasistas fiéis, incluindo o próprio Saddam, estavam detidos no Campo Cropper (outra instalação dirigida pelos americanos sediada no Aeroporto Internacional de Bagdade). Cropper era o centro de processamento dos detidos em Bucca. Segundo Stone, «se o que se quer é criar um exército, a prisão é o sítio perfeito para o fazer. Nela, dá-se cuidado de saúde, cuidados dentários, dão alimentação e, mais importante ainda, impede-se que os detidos morram em combate. Quem é que precisa de um esconderijo em Anbar quando há uma prisão em Basra?» (Weiss & Hassan, 2015).

As prisões são também um dos locais ideais para recrutar novos membros para organizações terroristas, proporcionando-lhes uma formação avançada. Esta forma de recrutamento ocorre em todo o mundo, muitas vezes devido ao facto dos prisioneiros serem marginalizados e isolados do contacto com familiares e amigos, deixando-os suscetíveis ao apelo de grupos radicais, que oferecem proteção, posições de influência e redes de correspondência dentro e fora da prisão (Silva, 2012).

As prisões assumem então, frequentemente, um local de ensino e promoção daquilo que pretendem combater. Forest e Sparago (citados por Silva 2012) referem o exemplo dos prisioneiros do Irish Republican Army (IRA), muitas vezes interrogados por outros, de forma a obter informação que é posteriormente partilhada e usada como reforço psicológico: “saber o que está a acontecer do lado de fora, seja sucesso ou fracasso, pode ser um poderoso motivador” assim como “para aqueles que ainda não pertencem ao grupo, ouvir essas histórias pode oferecer uma sensação de esperança numa situação de desespero” (Silva, 2012).

## **Mesquitas**

Entrevistas realizadas no Médio Oriente a terroristas, a mesquita foi a instituição mais referida como meio de entrada na organização terrorista. As grandes figuras de autoridade da mesquita

assumiram um papel de grande destaque na introdução destes membros, desenvolvendo neles uma consciência política através das orações e da participação em aulas de religião. “A mesquita e os clérigos religiosos na minha aldeia transmitiram-me o ponto focal da minha vida social” (Silva,2012).

A mesquita, como local de oração e interação, funciona como terreno perfeito para recrutar terroristas, onde os potenciais militantes podem ser observados e avaliados com base nos seus comportamentos. Funcionam também como uma rede social, que permite o encontro de muitas pessoas e promove a discussão religiosa e a interação social (Silva,2012).

### **Madrassas**

Outro tipo de instituição apontada como base de recrutamento de terroristas é a **madrassa**. Uma madrassa é uma instituição de educação que oferece instrução nos assuntos islâmicos incluindo, não só mas também, o Alcorão e os ensinamentos do profeta Maomé, assim como jurisprudência e leis, contudo, não existe consenso relativamente à ligação entre terrorismo e madraças. (Silva,2012).

As madraças radicais, apenas difundem a ideologia, não fornecem treino e práticas terroristas; para além de que frequentar uma madrassa não representa uma condição essencial para integrar uma organização terrorista. Bergen e Pandey (2005) reiteram estas ideias, afirmando que “tais escolas não ensinam as habilidades técnicas ou linguísticas para se ser um terrorista eficaz” e ainda que “a maioria frequentou o ensino superior em assuntos técnicos como engenharia” (Silva,2012).

### **Tecnologia e Internet**

São vetores estratégicos das várias células terroristas, sobretudo no que respeita ao recrutamento, ao financiamento, à propaganda e incitamento à violência. Se por um lado a internet é fonte preciosa de informação, por outro ela é também a base de planeamento e apoio de ataques terroristas. As suas grandes características: partilha e rapidez de informação, audiência global e fácil acesso, permitem aos terroristas organizar-se de modo silencioso e letal (Carvalho, 2015).

Atualmente, a **Internet** desempenha um papel de elevada importância nos processos de autorrecrutamento das organizações terroristas, principalmente no que se refere à juventude

islâmica, através da difusão de mensagens e vídeos, tentado estimular a imaginação e alcançar os “pontos fracos” dos potenciais recrutas (Silva,2012).

Além do espaço físico e geográfico, o grupo Estado Islâmico também assume formas virtuais como fonte de recrutamento. As ideias, ações e objetivos dos jihadistas fundamentalistas sunitas são difundidas diariamente por canais televisivos via satélite, pelo YouTube, Twitter e pelo Facebook.

Os Jihadistas usam também duas estações televisivas sediadas no Egito (mas alegadamente financiadas pela Arábia Saudita e pelo Kuwait), a safa e a Wesal que empregam jornalistas e comentadores claramente hostis aos xiitas. A Wesal TV tem programas em cinco línguas: árabe, persa, curdo, indonésio e haúças (Cockburn, 2015).

Uma das menos escrutinadas ferramentas de redes sociais usadas pelo E.I é o Zello, uma aplicação codificada por telemóveis e computadores que permite aos utilizadores estabelecer canais de partilha de mensagem áudio. Na prática, o referido aplicativo, transforma os telemóveis em walkie-talkies: através deles, quem tem a curiosidade sobre o E.I ou procure juntar-se-lhe pode ouvir sermões de clérigos afiliados, transmitidos em simultâneo, como um serviço religioso o seria. (Weiss & Hassan, 2015).

O Zello foi adaptado pelo E.I como um simples manual sobre como jurar Bayat a Al-Baghdadi, graças a um proeminente utilizador pró-Estado Islâmico, Ansaral-Dawlaal-Islamiya. É bastante popular entre o público mais jovem do E.I. A maioria dos jovens juntam-se ao E.I depois de os ouvir a pregar. Para além do Zello, o E.I também usa a conta @OperationJihad, como meio de adesão à organização terrorista (Weiss & Hassan, 2015).

A disponibilização de vídeos na internet tem sido um dos meios mais utilizados para atrair novos membros, para além de ser um forte motivador (Silva,2012).

Ressaltamos aqui o papel de dois agentes recrutadores femininos que promoveram números significativos de adesão ao E.I, no ano de 2012, via internet: AlKhansa'a e AqsaMahmood, trabalham assertivamente no recrutamento de estrangeiros para o E.I e são consideradas líderes em recrutamentos on-line. AlKhansa'a abriu uma conta no Twitter, handle@al\_khansaa2, marcando presença no Facebook e em outros canais. (Stern & Berger, 2015).

### 3.8 TÉCNICAS PARA ATRAIR E SOLIDIFICAR A MENTALIDADE TERRORISTA

O E.I, como outra organização terrorista, possui técnicas para atrair e preparar os seus novos membros para o futuro, solidificando assim, a sua mentalidade terrorista, de entre elas:

**Recompensas.** A religião é um forte motor motivacional e, neste caso, os radicais islâmicos pregam a existência do Paraíso onde o indivíduo será recebido, levando-o a acreditar que depois da sua morte alcançará uma existência melhor (Silva,2012).

Os privilégios de um mártir são garantidos por Alá; perdoado com as primeiras gotas do seu sangue derramado, ser-lhe-á mostrado o seu lugar no paraíso, será enfeitado com as joias de Imaan, será prometido às mais belas, será protegido da provação da sepultura, ser-lhe-á concedida segurança no dia do juízo, será coroado com a coroa da dignidade, com um rubi melhor do que Duniah (o mundo inteiro) e tudo o que contém, casará com setenta e duas das puras Houris (as belas do paraíso), e poderá interceder por setenta dos seus familiares.

Outra forma de recompensa por darem a vida é o facto de os mártires serem tratados como heróis no mundo islâmico. Como refere Sparago 2007 (citado por Silva,2012), é dado o seu nome a ruas, os seus pais são felicitados, e festejam-se feriados em sua honra. Assim, um mártir é no mundo islâmico uma “celebridade”, o que atrai principalmente indivíduos provenientes de meios em que as oportunidades de prosperar são diminutas.

#### **Desumanização do inimigo**

Para Kelman (1976), desumanizar envolve negar a identidade de uma pessoa, ou seja, não a reconhecer como indivíduo e, quando isso acontece, perder-se a capacidade de evocar compaixão e empatia. Forest (2006) explica que “um grupo com ideologia extremista, primeiro elimina a velha identidade social do novo recruta, e depois condiciona-o a identificar os inimigos do grupo como sub-humanos que devem ser eliminados”. A **desumanização** é um processo que envolve a categorização de um grupo como desumano, caracterizando-o como inferior e negativo (Silva,2012).

#### **Lealdade ao grupo.**

Estudos realizados têm mostrado que os homens que lutam em contextos semelhantes ao do terrorismo são, geralmente, mais motivados pela pressão do grupo do que por ódio ou medo; a

obediência à autoridade, a estima dos seus companheiros, a defesa do grupo e o desejo de contribuir para o sucesso deste, são as fontes da motivação mais importantes (Silva,2012).

Uma vez pertencente ao grupo, o indivíduo abandona a sua identidade pessoal e adota a da organização, agindo sempre para o bem da organização, em detrimento do seu próprio bem. O indivíduo deve a sua lealdade à organização, e não a si ou ao seu país (Silva,2012).

### **Tendências atuais: a adesão de mulheres ao Jihadismo**

Ao nível individual, muitos estudos têm sido realizados para tentar perceber quais os fatores motivacionais por detrás da participação das mulheres, e muitas razões têm sido apontadas pelos investigadores.

Em termos sociais, Galvin (1983) sugere que as mulheres podem perceber a sua participação em atividades terroristas violentas como um meio para alcançar melhorias ao nível social, sendo atraídas pela possibilidade de melhores condições e oportunidades de vida, assim como uma forma de “suprir as suas necessidades que não são adequadamente atendidas pelo regime político estabelecido (Silva,2012).

Estudos realizados argumentam que, muitas vezes, a motivação está diretamente relacionada com a questão feminista, havendo por parte das voluntárias o objetivo de “melhorar a sua posição no grupo em particular e na sociedade em geral”; a sua participação é assim encarada como uma “oportunidade política alternativa para alcançar maior equidade de género”. Como os homens, as mulheres estão igualmente interessadas no poder, e particularmente em sociedades fundamentalistas, em que os papéis masculinos e femininos são ainda muito rígidos e distintos, existe uma maior dificuldade em acederem à esfera pública e a posições relevantes. Desta forma, enquanto membro ativo ou facilitador da ação de uma organização terrorista, o acesso torna-se mais fácil (Silva,2012).

Outros estudos apontam também como forças motivadores questões como o sentimento nacionalista, a repressão social, a coerção, a religião, o medo de retaliação, e as preocupações com a segurança pessoal. Investigadores nesta área têm reunido esforços no sentido de criar um perfil da mulher terrorista, de forma a perceber pontos comuns nas suas características e motivações, contudo isto tem-se revelado muito difícil, uma vez que estas mulheres provêm dos mais distintos meios sociais, religiosos e educacionais (Silva, 2012).

Ao nível organizacional, o interesse em recrutar mulheres para uma atividade dominada por homens “representa uma mudança tática das organizações” que acarreta motivos mais calculistas e estratégicos do que os anteriores. Além disso, as mulheres possuem também “uma maior capacidade de mobilização, fornecem modelos fortes para outras mulheres e aumentam o recrutamento do sexo masculino” uma vez que os homens sentem o seu papel de figura dominante no conflito usurpada. Também o facto de serem membros menos comuns que os homens, aliado ao estereótipo feminino não violento, permite-lhes realizar ataques furtivos com maior sucesso, agindo como elemento surpresa e surtindo um efeito psicológico ainda maior (Silva,2012).

Dalton e Asal (2011) apontam também como benefício da integração de mulheres em organizações terroristas a sua “capacidade e experiência para cuidar e auxiliar”, que pode ser bastante útil ao grupo, especialmente em “situações de carência de recursos humanos masculinos” devido, por exemplo, a conflitos prolongados ou a dificuldades de recrutamento (Silva,2012).

Apesar de existirem motivações distintas de ambas as partes, o recrutamento feminino tornou-se um meio importante para garantir a sobrevivência das organizações terroristas; como refere von Knop 2007 (citado em Silva, 2012), “a sobrevivência a longo prazo de um grupo terrorista é muitas vezes dependente da participação feminina para ocupar as suas fileiras ou dos homens por elas persuadidos a aderir à organização.

### **3.8.1 COMPREENDER A MENTE EXTREMISTA**

Pesquisas sobre aprendizagem social têm evidenciado o papel do "condicionamento comportamental e cognitivo". O especialista em terrorismo, Dr. Bernard Saper — no seu artigo intitulado "*On Learning Terrorism*" — argumenta que o compromisso pelo terrorismo é amplamente produzido, intensificado e sustentado nos recrutas através de sofisticadas técnicas de condicionamento. Técnicas usadas para doutrinar e executar atos de violência e terror e como é montado um elaborado sistema de incentivos para financiar grupos guerrilheiros e movimentos revolucionários. (<http://www.cerebromente.org.br>).

Segundo Cardoso Sabbatini (2001, citado por Félix, 2004), a teoria de lavagem cerebral de William Sargant (1970) sustenta a mudança de atitudes em adultos ocorridos pela eliminação de crenças existentes, através da combinação de indução mental e tensão nervosa, assim como recetividade à sugestão e exaltação frenética das massas. Daí não ver coincidência no uso de técnicas pelas religiões fundamentalistas, que oferece uma mistura de salvação, redenção, promessas de recompensa eterna ou sentimento de culpa.

A técnica de lavagem cerebral é muito usada pelos militares para aniquilar a personalidade dos recrutas para depois reconstruí-la à sua própria imagem. A tarefa de produzir a mente do terrorista é facilitada enormemente quando se inicia na infância. As crianças e jovens são condicionados a pensar somente como seus pais ou líderes ou, até mesmo, a parar de pensar (Félix, 2004).

No intuito de tentarmos compreender a mente terrorista, analisamos o experimento de Grossman (citado por Kjos, 2007), que aborda a relevância do condicionamento clássico para explicar comportamentos e a adesão à violência. Analogicamente, Grossman associou tal condicionamento como o alicerce para lavagem cerebral comunista, ao expormos nossas crianças e jovens a imagens vividas de seres humanos sofrendo e morrendo, mas aprendendo a associar isso com refrigerante, pipocas ou um ambiente agradável. Afirma que a violência na televisão por si só não mata ninguém, ela destrói o sistema imunológico à violência e condiciona as pessoas a derivarem o prazer a partir da violência (Kjos, 2007).

Já no condicionamento operante, que tem como base a fórmula Estímulo - Resposta, Grossman afirma que a comunidade militar e policial fizeram do ato de matar uma resposta condicionada. Enquanto na Segunda Guerra Mundial usava-se alvos com mira, agora os soldados aprendem a disparar contra silhuetas humanas que aparecem em seu campo de visão, isto é Estímulo. Os treinos têm somente uma fração de segundo para disparar contra o alvo. Toda vez que uma criança ou jovem brinca com vídeo game interativo de apontar e disparar, ela está aprendendo exatamente o mesmo reflexo condicionado e capacidade motora (Kjos, 2007).

Este processo é extraordinariamente poderoso e aterrorizador. O resultado é um número cada vez maior de pseudopsicopatas fabricados no próprio lar, que matam flexivamente sem demonstrar remorso algum (Kjos, 2007).



### 3.9 AGENTES RECRUTADORES

Ao pensar em recrutadores ao serviço de organizações terroristas, existe uma tendência para os ver como subversores que, através de “lavagens cerebrais” e processos de top-down<sup>6</sup>, levam indivíduos a tornarem-se terroristas (Silva,2012). Apesar de esta visão ser interessante, é aqui levada ao extremo, serem considerados como agentes recrutadores: instituições promotoras de terrorismo (acima mencionadas), ativistas, imãs radicais, e os próprios indivíduos (casos apresentados no nosso estudo), através de autorrecrutamento.

Os **ativistas** desempenham um papel crucial no recrutamento, na radicalização e formação dos membros das células de uma organização terrorista. O ativista, como fundador da célula, é a pessoa responsável pela união entre os seus membros, através de um forte espírito de liderança, coesão e compromisso com a causa de toda a organização. Assume um papel de liderança no processo de expansão da célula, apresentando-se extremamente convincente e motivado, agindo sob uma possível rede de contactos, a fim de captar novos membros (Silva,2012).

O **imã radical**, outro ator que desempenha a função de recrutador, no movimento militante islâmico, assume um papel crucial nos processos de radicalização e recrutamento, uma vez que atrai seguidores e os integra numa rede. São vistos pelos membros da organização como autoridades religiosas e fornecem justificativas para a prática de actos terroristas, além de estabelecerem ligações entre redes e grupos, funcionando como um elo estratégico no movimento militante islâmico (Silva, 2012).

## CAP IV: ANÁLISE DOS DADOS OU CASOS POR NÓS ANALISADOS

No intuito de melhor compreendermos as razões que levam à adesão ou quais os aspetos motivacionais que estão na base da adesão ao terrorismo, passamos a analisar, de forma, sobre o mundo dos participantes suas interpretações de si mesmo no contexto de determinantes interações e sobre as propriedades dinâmicas das interações, modalidades de indução analítica e comparação constante, a partir dos exemplos abaixo mencionados:

---

<sup>6</sup> **Top-dow** refere-se a métodos utilizados para organizar as informações, ordenando fatos para serem utilizados em diversos campos que necessite de uma forma de pensamento que facilite a administração de conhecimento para maior operatividade, facilidade de pensamento e garantir um sistema de prioridade e hierarquia.

**EXEMPLO 1** - A entrevista de Mowaffakal- Rubaie (antigo conselheiro de segurança nacional iraquiano), cedida à AlJazeera, onde afirmara que talvez tivesse sido o Twitter e o Faceboock a levar 30 mil soldados das Forças de Segurança Iraquianas a depor as armas, despir as fardas e deixar Mussul à mercê da conquista Jihadista, sobrevalorizando ligeiramente o poder das redes sociais na ascensão do exército do terror, como estratégia do EI (Weiss& Hassan, 2015). Al- Rubaie afirmara em entrevista que o EI produz elegantes filmes de propaganda e recrutamento, com o exato tipo de conteúdo que os políticos e diplomatas ocidentais esperavam que dissuadisse a atração popular do grupo.

Duas semanas após a entrevista de Rubaie ao Al-Jazeera, o EI divulgou um dos seus vídeos mais populares até então, intitulado *Saleelal-Sawarim* ou *O Retinir das Espadas*. O *Retinir das Espada* exibe as habilidades secretas do EI para alcançar seus inimigos; uma mesquita em Anbar onde o EI recebe o que parecem ser candidatos civis desarmados. O filme parou várias vezes no YuoTube (embora tivesse sido retirado outras tantas vezes) e em *sites* de partilha de ficheiros como o "archive.org ou o justpaste.it" e promovido intensamente por membros do EI e fãs no Twiter e no facebook (Weiss & Hassan, 2015).

**EXEMPLO 2** – Abdelaziz Kuwan, um adolescente do Behrein de 16 anos de idade que queria juntar-se à rebelião armada na Síria, seus pais o proibiram de ir, mas ele desafiou-os e partiu para a Síria no início de 2012, como tantos outros combatentes estrangeiros. Fez uma viagem de autocarro de treze horas até ao sul da Turquia (vila fronteiriça de Reyhanli). Daí atravessou a fronteira para a província síria de Aleppo. Abdelazziz combateu durante várias semanas por facções rebeldes, passou por várias brigadas islamitas, juntando-se ao Ahraral-Sham e depois ao Jabhatal-Nursa, tendo obtido uma reputação de combatente destemido e religiosamente devoto. No final de 2012, de regresso a casa, sua mãe confiscou-lhe o passaporte. Um ano mais tarde, numa entrevista proferida aos jornalistas Weiss & Hassan, Abdelaziz disse o seguinte: «Sinto-me aprisionado; sinto-me acorrentado. É como se alguém me estivesse a vigiar. Este mundo não me diz nada. Quero voltar para lá. As pessoas estão a sacrificar as suas vidas e isso é levar uma vida honrada» (Weiss& Hassan, 2015, pág. 12).

Segundo um dos seus familiares, «Abdelaziz era sossegado, requintado e aportava-se sempre como um homem. O pai criou-o bem, fez com que ele não precisasse de ninguém e queria que ele tivesse um *status* social elevado» (Weiss & Hassan, 2015, pág. 14).

Abdelaziz ficou três meses no Bahrein antes de conseguir convencer a mãe a devolver-lhe o passaporte. Três meses depois, partiu para a Síria e juntou-se ao EI. A sua experiência em outras frações islâmicas ideologicamente semelhantes ao EI era uma vantagem ao juntar-se a uma facção dominada por combatentes estrangeiros. O que fez com que subisse a pulso pela hierarquia do EI, tornando-se primeiro coordenador entre emires locais e outros grupos rebeldes e depois entregando mensagens e acordos verbais em nome do seu líder.

No verão de 2014, Abdelaziz foi promovido à oficial de segurança com responsabilidade sobre três vilas perto de Albu Kamal, na fronteira sírio-iraquiana, porta de passagem de longa data entre dois países para um homem como ele.

No EI, Abdelaziz descobriu coisas novas sobre si próprio. Soube que era violento, brutal e determinado, manteve em sua casa uma jovem yazidi<sup>7</sup>, como escrava sexual, seu prémio por ter participado em batalhas contra as forças curdas iraquianas.

Antes de se juntar a *jihad* ou a guerra santa na Síria, Abdelaziz era um noviço em teologia numa academia religiosa na Arábia Saudita. Andou no liceu no Bahrein e viajou para Medina para onde estudou a Sharia, a jurisprudência islâmica. Segundo um dos seus familiares, na escola evitava os colegas que não fossem devotos e dava-se essencialmente com os estudantes da "linha dura". Após algum tempo, começou a recorrer a conversas jihadistas, referindo-se constantemente às péssimas condições que os muçulmanos sunitas continuavam a viver em África, no Médio Oriente e no Sudoeste Asiático (Weiss & Hassan, 2015). Na Síria, sua metamorfose continuou no campo de batalha.

Adotou o nome de Abu al-Mu`tasim, do oitavo califa da linhagem Abássida, e afirmava ter ingressado ao EI a procura do martírio e o tem perseguido por todo lado; encontrou-o a 23 de Outubro de 2014. Abdelazizi foi abatido a tiro pelo regime sírio em Deir Ezzor. Como é de costume, para os combatentes que se juntam a um grupo redigem um testamento para ser entregue às famílias apenas depois da sua morte. Abdelazziz dirigiu para a sua mãe o seguinte testamento:

«Como sabe e vê nos canais de televisão, os infiéis e os ráfides (termo para descrever os xiitas), levaram longe de mais a sua operação, morte, tortura e violação da honra dos muçulmanos. Eu, por Deus, não sou capaz de ficar a ver minhas irmãs e irmãos muçulmanos

---

<sup>7</sup> Os yazidis são uma comunidade curda maioritariamente habitante na província iraquiana de Ninive. É uma antiga religião conhecida por yazidismo.

serem assassinados, enquanto alguns deles apelam aos muçulmanos e não verem ninguém vir em sua ajuda e eu fico ali sentado sem fazer nada. E a razão mais importante para isso é que eu desejava o paraíso, junto do profeta Maomé, que a paz esteja com ele e quero pedir perdão por si no além» (Weiss & Hassan, 2015, p.11).

**EXEMPLO 3** – A entrevista de Christianne Boudreau (46 anos), mãe de Damian – Abu Talha al-Kanadi, cedida por telefone a partir de Calgary, no Canadá à revista SÁBADO, n.º 604 (de 26/11/15 a 02/12/15). Ao telefone, Christiane recorda tudo à revista SÁBADO, da infância feliz do filho mais velho à fuga para a *jihad* na Síria. Recebeu a notícia a 14 de Janeiro de 2014, mas Damian para o EI já teria caído morto em Aleppo, há pelo menos sete dias, e revela que:

"Quando soube que meu filho estava na Síria vomitei", afirmara Christianne Boudreau. "Desde que Damian morreu, não consegui aguentar o *stress*, perdi o marido e o emprego e estou a me preparar para ficar sem casa, tenho de ir para França viver com os meus pais. Não consigo arranjar emprego, tenho entrevistas, mas me pesquisam no Google e ligam a desmarcar".

Segundo sua mãe, Damião era muito sociável, muito inteligente, atencioso e compassivo. Era bom a todos os desportos e muito curioso. Aprendeu a ler aos quatro anos de idade, na escola aborrecia-se num instante. Na adolescência começou a ter dificuldades em lidar com os miúdos da mesma idade, preferia relacionar-se com adultos. Tinha muitas preocupações em relação ao mundo, à política internacional, defendia os miúdos vítimas de bulling, não entendia porque é que tinha de existir sofrimento. Tornou-se antissocial, deixou de sair de casa, aos 17 anos meteu na cabeça que tinha desperdiçado a vida e tentou suicidar-se com líquido anticongelante, altamente tóxico e sobreviveu. Estava muito deprimido, tudo lhe parecia negro, não tinha amigos; apaixonou-se por uma rapariga, mas não tinha coragem de expressar seus sentimentos. Pelos dizeres dos médicos (não sobreviveria mais de 24 horas), achou que tinha sobrevivido por alguma razão e decidiu converter-se no Islão e dar um significado à vida. Sempre viveu numa cidade multicultural e sempre conviveu com muçulmanos. Cresceu como cristão, quando teve alta dedicou-se a estudar o alcorão, voltou a ser como era em pequeno, estava melhor; trazia amigos para casa, começou a sair, arranjou emprego, estava em paz e feliz.

Aos 20 anos começou a mudar, andava de transporte público para deslocar-se à mesquita com um amigo que lhe falava sobre o sofrimento, mas a mãe nunca conhecera este amigo. Foi viver com esse amigo e deixou de estar em paz, proibindo os familiares de o visitarem. Voltou a ficar agitado, sempre que fosse visitar a mãe, isolava-se para falar ao telefone, quando o amigo fosse apanhá-lo pegava-lhe na esquina. Começou a falar sobre as teorias de conspiração, sobre como o mundo ocidental era egoísta e que queria tomar conta das mulheres.

**EXEMPLO 4** - O casal português, Fábio Poças (Abdu Rahman Al-Andalus, 23 anos) e Ângela (Umm), cujos relatos foram dados por familiares e amigos que conversaram com o jornal Expresso. Fábio é descendente de Angola/Benguela, apaixonado pelo futebol, emigrou para Londres, converteu-se ao islamismo desde Outubro de 2013 (Jornal Expresso, de 30 de Agosto a 06 de Setembro de 2014).

Era um avançado talento apurado nos vários clubes de bairro que frequentou na Linha de Sintra. Não ficava muito tempo em cada clube, era brigão, inconformado, impaciente, queria sempre mais. Aos 19 anos emigrou para Londres, sozinho, em busca de uma carreira profissional na “*PremierLeague*”. Era tudo ou nada em busca do seu sonho; mas acabou sendo captado pelos jihadistas. Em dois anos converteu-se e radicalizou-se (Jornal Expresso, de 30 de Agosto a 06 de Setembro de 2014).

Desde miúdo que não gostava de estudar, só queria jogar à bola. Entre o bairro e o ginásio, tornou-se amigo dos irmãos Edgar e de Celso (como ele, tinham raízes em Angola) e de outros portugueses que, entretanto, se tinham juntado à Jihadi. Tais amigos eram seus mais velhos, conhecedores de Londres, tornaram-se uma referência, Fábio chamava-os de irmãos e recebia deles companhia, apoio, alimentação e dinheiro (Carvalho, 2015).

Fábio não tinha emprego e apenas jogava, o futebol não estava a dar frutos, as conversas passavam muito pelo Islão e o futebol. Nunca fora religioso, começou a ler e a aprender o Corão, passou a interessar-se. Moravam todos perto de uma mesquita e rapidamente Fábio começou a falar em conversão. O fim de um namoro e a desilusão do futebol deixaram-no sem rumo. "O miúdo rebelde tornou-se num miúdo radical (Expresso, 2014).

Sua família descobriu seu paradeiro numa página de mujahid nas redes sociais, como integrante da brigada Katuabal Muhajireen do Estado Islâmico, constituída por combatentes

de países ocidentais (Grã-Bretanha, França, Espanha e Alemanha) onde Fábio/Abdu aparece de cara descoberta, sorridente, armado, com a bandeira preta e branca do EI. Em Abril de 2014, o Jornal Expresso conseguiu falar com o Fábio através do *Chat* do *Facebook*. Fábio nunca confirmou ser português, afirmara "não se tratar de nacionalidades a partir do momento que se aceite o Islão".

Fábio/Abdu casou-se com Ângela/Umm, nascida na Holanda, para onde os pais alentejanos emigraram, numa família de tradição católica, mas não praticante. Nunca se tinham visto, mas já estavam noivos pelo facebook. Através das redes sociais, partilharam radicalismo e ambições de vida. São ambos muçulmanos convertidos, extremistas, defensores do califado islâmico, adversários do Ocidente e dos países infiéis. Após combinar tudo pela internet, a 09 de Agosto de 2014, Ângela fugiu para a Síria e casou-se no dia seguinte (Expresso, Dezembro, 2014).

Os pais de Ângela são separados. O pai vive no Alentejo, ela morava com a mãe e a irmã mais nova nos arredores de Utrecht, na Holanda. Segundo o pai, Ângela era uma miúda liberal em todos os sentidos: fumava, gostava de se divertir, de beber cerveja; era sociável, não tinha nada a ver com burcas. De um momento para outro, começou a ter ideias "loucas", deixou de comer carne de porco, andava de cara e corpo cobertos (para chamar atenção), queria respeitar o Ramadão; estava desempregada e não quis mais estudar; só quis saber do computador (Expresso, Dezembro, 2014).

No facebook, Ângela usa as seguintes palavras para descrever a luta Jihadista na Síria: "Quando olhamos para o cano de uma arma vemos o paraíso; quando um avião sobrevoa as nossas casas estamos prontos para receber a bomba, quando um pai cai mártir o filho está pronto para substituí-lo. Faremos tudo para expandir o nosso Estado Islâmico" (Expresso, Dezembro, 2014).

#### **4.1 PONTOS COMUNS NOS CASOS POR NÓS CONSTATADOS**

São todos jovens adultos, sem grandes horizontes e todos surpreenderam quem os conhecia perante a decisão relâmpago de aderir à guerra e ao Estado Islâmico (tiveram a desaprovação familiar ao aderirem ao EI). Jovens seduzidos por ideologias ou extremismo religioso.

São desenraizados de segunda geração (com algum problema na relação com seus progenitores e emigraram). São jovens pré e pós-democráticos, com vontade de derrubar um regime. Apresentam preocupação em relação ao mundo; querem ter uma vida honrada.

Jovens vulneráveis a uma forte mensagem, legítima ou não, porque não se sentem integrados; bem-criados, porém muito curiosos e na sua maioria filhos de pais separados (vivem com um único progenitor). Procedentes de família de tradição católica, cresceram como cristãos ou nunca foram religiosos.

Não têm uma causa, descobrem qualquer uma. Têm sede de afirmação e de pertença: querem fazer parte de um coletivo, encontrar um sentido para a sua vida (o de serem heróis ou renomados de um grupo). Preferem matar 300 pessoas num avião do que eliminar um líder político, porque não é uma visão estruturada do mundo que os move. Querem impacto, adrenalina, notoriedade. Querem ser notícia, querem atenção.

A internet facilitou muito o acesso destes jovens a movimentos distantes deles, quer geográfica, quer culturalmente. As redes sociais são hoje fundamentais para o recrutamento, pois qualquer grupo, para se manter e sobreviver a longo prazo, precisa de alimentar o coletivo com mais membros, passando uma mensagem que os una e lhes transmita um forte sentido de urgência (Carvalho, 2015).

A transição para o terrorismo raramente é súbita e abrupta. De acordo com a nossa análise, sobre o fenómeno em estudo, aquilo que sabemos dos atuais terroristas, sugere que raramente existe uma decisão consciente de se tornar terrorista. A maior parte do envolvimento no terrorismo resulta de uma exposição e socialização gradual em direção a um comportamento extremo. Este é um dos poucos pontos gerais de acordo ao domínio dos estudos sobre terrorismo, declarando que é geralmente aceite que os terroristas não nascem (tornam-se em...) da noite para o dia. Seguem um processo geral de alienação social ao aborrecimento, seguido de protestos ocasionais, antes de finalmente aderirem ao terrorismo (Carvalho, 2015).

Feita a análise sobre os casos por nós apresentados e não só, na tentativa de traçar o possível perfil psicológico do candidato ao Estado Islâmico, apresentamos os seguintes fatores de adesão ao terrorismo:

### **4.3 CONTRIBUTOS DA TEORIA DA ESTRATÉGIA INDIRETA NO COMBATE AO TERRORISMO**

Uma resposta internacional efetiva baseada em um consenso renovado e restaurado, requer que o terrorismo seja reconhecido como um problema político que deve ser resolvido por meios políticos. Recorrer à força militar para acabar com o terrorismo não produzirá democracia nem estabilidade. Mesmo que a força militar tenha sucesso em destruir certas organizações a curto prazo, o terrorismo persistirá enquanto for possível realizar novos recrutamentos. Na verdade, a cooperação multilateral na área de política e em operações de inteligência é a base para uma mudança efetiva e eficiente, que requer que o contra terrorismo permaneça como uma prioridade na agenda política de todos os níveis de governo (Herz e Amaral, 2010).

Basil Henry Liddell Hart<sup>8</sup> (citado por Almeida, 2016) revolucionou a teoria e as práticas militares, defendendo, pela primeira vez, a estratégia da abordagem indireta. Na sua origem esteve a experiência traumática do autor enquanto soldado da Primeira Guerra Mundial e a terrível mortandade a que se assistiu nas batalhas de confronto direto. As suas ideias teriam enorme repercussão, refletindo-se na alteração das táticas militares da Segunda Guerra Mundial.

Ao analisar o *modus operandi*, o processo de adesão ao grupo terrorista EI, tendo em consideração longas décadas, Liddell Hart desenvolveu e aperfeiçoou a sua teoria estratégica, sua investigação é considerada uma obra-prima incontornável. Num tour de force (esforço excepcional) pela história, demonstrou como os feitos dos grandes capitães raramente foram alcançados através de confrontos diretos entre forças, mas sim através do desequilíbrio físico e psicológico do inimigo, recorrendo-se ao movimento e à surpresa.

A resposta ao terrorismo deve respeitar o Estado de direito. Além de tratar os terroristas com firmeza, as políticas governamentais têm de ter dimensões não coercivas. A ferramenta valiosa é a diplomacia. Um poder *Sof* (suave), e não *hard* (duro), é um recurso estratégico importante ao lidar tanto com não Estados quanto com Estados. Há também que se entender as origens do apoio popular ao terrorismo; até mesmo o apoio passivo tem de ser examinado, senão redes terroristas que forem eliminadas vão simplesmente crescer de novo (Herz e

---

<sup>8</sup>Capitão B. H. Liddell Hart (1895 – 1970) é um historiador, militar inglês e também conhecido como o grande teórico da estratégia.



Amaral, 2010), de forma mais radical e extremista como é o caso do grupo Jihadista Estado Islâmico.

Após os atentados de Setembro de 2011, o então Secretário-Geral das Nações Unidas Kofi Annam, reconheceu o terrorismo como um facto global, inaceitável sob qualquer circunstância e em qualquer cultura, enfatizando a criação de uma estratégia efetiva contra este fenómeno bárbaro e que, somente uma resposta firme, que respeite os valores democráticos e recompense os meios pacíficos de expressão, pode tornar o terrorismo ilegítimo. Devendo as Forças e Serviços de Segurança trabalhar com islamitas não violentos em determinadas instâncias locais onde existe um claro benefício tático, por exemplo no caso de um indivíduo terrorista acreditar que suas ações necessitam de ter o sancionamento religioso. Por um lado, referem que estão numa posição única para influenciar os islamitas violentos e somente eles têm a legitimidade e credibilidade para serem ouvidos pelos jovens muçulmanos sociológicos no caminho da radicalização (Barbosa,2018).

A segunda perspetiva é extremamente crítica quanto à utilização de islamitas não violentos contra os islamitas violentos pelo simples facto de os primeiros procederem à destriça entre terrorismo doméstico e terrorismo noutras partes do mundo. Por outro lado, importa verificar se a utilização da fórmula: «islamita contra isla mita» pode aumentar ainda mais a radicalização cognitiva e se eventuais ganhos a curto prazo em termos de segurança, pode ter consequências, a longo prazo, em termos de radicalização violenta (Barbosa,2018).

Por último, mesmo alguns autores que prefiram esta segunda perspetiva defendem (embora num contexto limitado) a utilização de islamitas não violentos no combate ao extremismo islâmico, embora devendo ser avaliado qual o tipo de legitimidade que essa colaboração possa acarretar os islamitas não violentos, podendo desempenhar um papel limitado nos esforços de desradicalização, em indivíduos já radicalizados, embora tal não deva ocorrer na contra radicalização. A utilização de islamitas não violentos deve apenas circunscrever-se apenas à desradicalização de islamitas violentos, de forma transitória para que aqueles abandonem a violência (Barbosa, 2018).

#### 4.3.1 PERSPECTIVAS DA ESTRATÉGIA NO COMBATE AO TERRORISMO

Uma das abordagens para se evitar mais mortes e destruição passará por reconhecer a existência de uma potência e por diminuir que a estratégia de guerra, por procuração, surtirá necessariamente um efeito ricochete, uma vez que o E.I explorou a guerra por procuração na Síria em seu proveito e que expôs graças a sua poderosa máquina de propaganda. Por conseguinte, será necessário interpelar esta nova potência recorrendo a outros instrumentos que não a guerra (Napoleoni, 2015).

Fernandes (citado por: Ribeiro, 2010) destaca as perspectivas da estratégia como ferramentas teóricas básicas de investigação e análise da ciência política:

*A perspectiva das tendências individuais*, que se fundamentam no princípio de que a ação política, económica, social e militar tem sempre origem no homem individualmente considerado; sendo a sua vocação predominante ao estudo do comportamento dos agentes individuais, com a ajuda de conceitos psicológicos e sociais é útil na investigação e na análise o papel do líder na tomada de decisão estratégica.

*A perspectiva racionalista* fundamenta-se no princípio de que o comportamento de indivíduos ou de grupos sociais decorre de objetivos racionalmente selecionados. Esta perspectiva não nega a importância das tendências individuais, mas as inclui na definição dos motivos que entram na ponderação da escolha do comportamento político, por tomar consideração à personalidade básica do indivíduo ou dos grupos sociais e os objetivos conscientemente selecionados para explicar o comportamento dos intervenientes.

*A perspectiva funcionalista*, que se fundamenta no princípio de que o comportamento político e social é resultado de uma tensão entre as exigências e as expectativas que a sociedade dirige ao indivíduo enquanto agente e a sua capacidade de resposta ou de ação que este é capaz de dar ao exercício das funções que desempenha.

Ao considerar que a ação política e social é sempre condicionada, esta perspectiva não olha apenas pela personalidade básica do agente, mas também pelo complexo das funções interdependentes e conflituantes em que se inscreve na investigação e análise da intervenção dos diversos atores no processo de elaboração estratégica, na qual pondera racionalidade com incrementalidade.

Com base na teoria da estratégia, focando-se nos projetos islamitas, podemos perceber uma estratégia de conquista de poder, tendo como base dois preceitos religiosos:

1. Em resposta ao apelo e às obrigações islâmicas *dawah* (que significa, literalmente, apelo ao Islão). Mas acaba por ter dois significados: convite aos não muçulmanos para a conversão ao Islão e apelo para os que já nasceram muçulmanos tornarem-se melhores muçulmanos.

2. Deverá surgir a criação de um grupo *jama'a* (que é uma palavra usualmente traduzida como «grupo», que numa tradução falhada na língua árabe significa algo como a comunidade de crentes mobilizados e em comunhão, seja para oração, autodefesa ou ainda deliberação). Ou *hizb*, que significa literalmente partido de carácter político (Duarte, 2015).

Na base está a indivisibilidade absoluta da já referida trindade islâmica: O Islão como religião (*din*), como modo de vida (*dunya*) e como fórmula governativa (*dawla*). No apelo à adesão (*dawah*) está implícito que toda a comunidade islâmica tem a tarefa de expandir o *Dar al-Islam* (território islâmico onde é aplicada a jurisprudência islâmica) pelo mundo inteiro e *Dar al-Harb* (que significa literalmente a morada da guerra, mas se refere ao território não islâmico). Assim, todos poderão partilhar de uma ordem social e politicamente justa (Duarte, 2015).

Carvalho (2015) identifica dois caminhos principais de enfraquecimento das barreiras psicológicas e sociais, que podem ajudar a inibir os impulsos de agressão letal: de ***fora para dentro*** (efeitos do grupo ou da envolvente social) e de ***dentro para fora*** (fazendo um ajustamento cognitivo interno na forma como encaram a envolvente ou a situação), onde as situações pessoais e conjunturais afetam-se mutuamente.

### ***De fora para dentro***

Uma das barreiras psicológicas à ação violenta é antecipar uma auto avaliação negativa. Isto pode ser enfraquecido mitigando a culpa que o próprio percebe. A investigação psicossocial sugere que as pessoas se sentem menos responsáveis ou menos culpadas quando estão em presença de um grupo ou em seu nome, deslocando a responsabilidade; diminuindo a sua própria culpabilidade, acentuando o que comete por ordem ou a mando de alguma

autoridade, entram num processo de transgressão ou falham um comportamento (Carvalho, 2015).

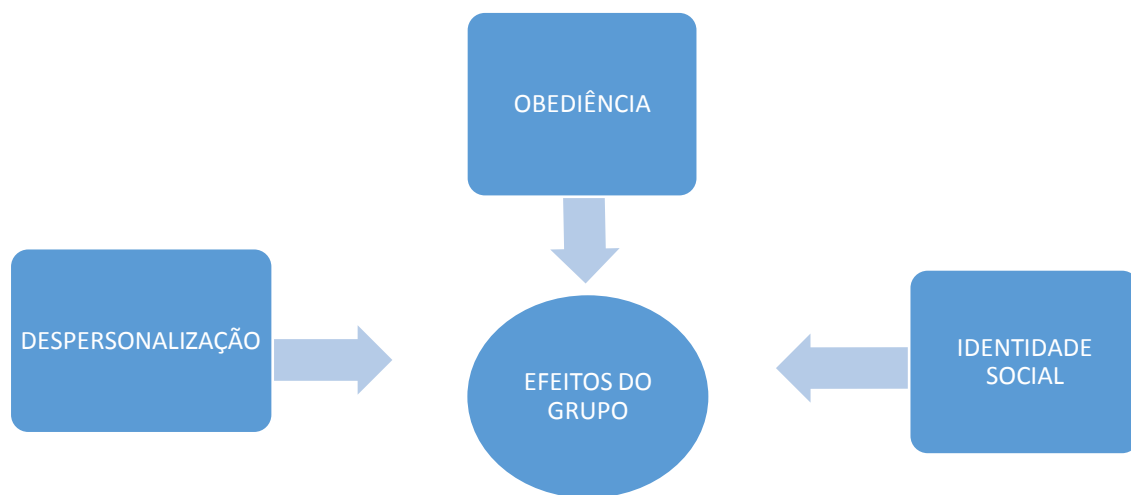
Neste tipo de deslocação, o ator absolve-se a si mesmo da intenção por estar a agir sob ordens; o superior absolve-se a si mesmo do envolvimento porque se limita a dar ordens. E como mecanismos psicossociais de defesa temos:

A *despersonalização* - o indivíduo perde o seu sentido de autoconsciência e consequentemente suas inibições;

A *obediência* - este mecanismo dá-se quando o autor transfere o seu ato moral de si próprio para a autoridade, responsabilizando-a;

A *identidade social* - a consciência que temos da nossa pertença, faz com que sejam as normas do grupo a definir o que é apropriado em determinada situação; são elas (as normas do grupo), que podem realçar ou enfraquecer as barreiras individuais, as ações antissociais ou não normativas.

**Figura 4-** *Mecanismos psicossociais de defesa: Fora para dentro*



Fonte: Carvalho, 2015

### *De dentro para fora*

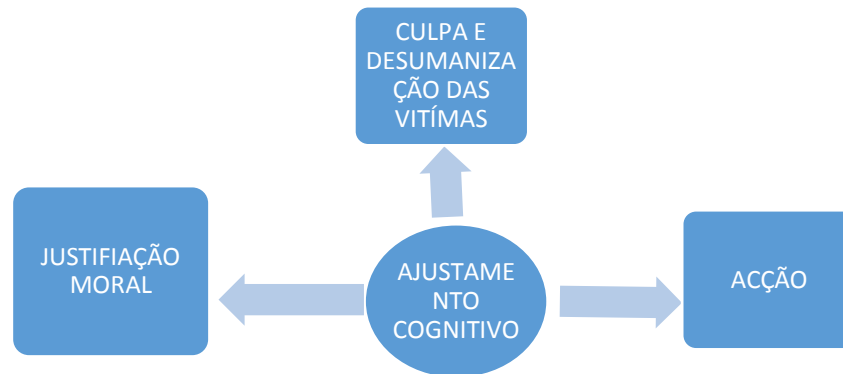
Durante o processo de socialização, as pessoas adotam padrões morais que servem de guias e dissuasores da conduta. Depois de desenvolvido o seu controlo pessoal, regulam as suas ações pelas sensações que se aplicam a si mesmas. Fazem coisas que lhes dão autossatisfação e um sentido de autovalor, que podem no entanto, ser seletivamente ativados e liberados para facilitar um comportamento que de outra forma estaria a violar os próprios padrões morais do indivíduo. Esta libertação moral pode operar através de vários mecanismos: Justificação moral, renegação de um sentido de ato pessoal por diluição de responsabilidade, não atentar ou diminuir os efeitos prejudiciais das ações de cada um, atribuição de culpa às vítimas e desumanização das mesmas (Carvalho, 2015).

Qualquer um destes fatores pode contribuir para o terrorismo, mas nos cingiremos em três que pensamos terem maior pendor:

*Justificação moral* - uma forma de remover a barreira da sanção auto imposta, é alterar a interpretação que o próprio faz de acontecimentos para assim justificar o ato. A ideologia coletiva atua numa justificação inquestionável para a violência, precisamente porque permite aos terroristas um sentido de legitimidade e uma justificação moral para os seus atos;

*Culpa e desumanização das vítimas* - Ao declararmos os nossos inimigos como sendo "não pessoas" e ao negar suas qualidades humanas, os escrúpulos morais ficam bloqueados à partida. A retórica terrorista coloca, muitas vezes, os seus adversários em termos desumanos. No fundo, os terroristas despersonalizam as suas vítimas. Depois da desumanização surge a demonização «porcos, cães de guarda ou cães de fila», ajudando a clarificar a linha entre o Bem e o Mal, justificando a morte do inimigo. Os terroristas são, na verdade, colecionadores de injustiças, invocam-nas e usam-nas para caraterizar os alvos da sua violência de forma que justifiquem a agressão (Carvalho, 2015).

**Figura 5-** *Mecanismos psicossociais de defesa: Dentro para dentro*



Fonte: Carvalho, 2015

#### 4.4 TEORIAS GERADAS

O *design* da *Grounded Theory*, no seu paradigma qualitativo, o seu propósito é gerar nova teoria, novos conhecimentos e melhor compreensão dos aspetos psicodinâmico que estão na base do processo de adesão ao terrorismo, permitindo chegar à compilação de um modelo que permite explicar os objetivos da nossa abordagem.

Das análises apresentadas em nossa abordagem, mostra ser irrefutável que a adesão ao terrorismo tem seus fundamentos na teoria motivacional por apresentar, até ao momento, uma coerente unificada e compreensiva maneira de observar o comportamento humano, enfatizando uma hierarquia inata de necessidades e motivos, envolvendo segurança e proteção, identificação com o grupo (sentimento de pertença), estima e respeito, autorrealização e Auto transcendência em busca do sentido de vida.

Em torno da compreensão dos motivos de adesão, há aspetos psicológicos que, por natureza, necessitam de reflexões e soluções também psicológicas. Os seres humanos não são seres destituídos de emoções, ao contrário, agem de acordo com valores, atitudes e motivos que têm sua própria lógica e força em todos os aspetos da vida.

Na adoção de um modelo de homem, a corrente Humanista-Existencial nega-se a aceitar que o homem seja reduzido a visões desalentadoras e vê-lo com uma visão otimista, na qual as melhores qualidades e potenciais sejam valorizadas como a própria essência humana.

A manobra de ação psicológica, na compreensão do processo de adesão ao terrorismo, surge como suporte de todo conjunto de manobra subversiva, não só como parte integrante de cada uma das manobras parcelares, mas como aferidora do sucesso das estratégias de combate ao terrorismo.

Segundo Abel Cabral Couto (1989), a finalidade da manobra psicológica dirige-se a todas as forças ou sectores específicos, tornando o meio humano favorável aos objetivos visados pela contrassubversão; desacreditar a ideologia e neutralizar a ação psicológica desenvolvida pelos recrutadores do grupo EI; desmoralizar e criar cisões, encorajar a rendição e levar os aderentes ao EI a colaborarem com as autoridades legais. Creditar a causa e a ação de contras subversão, o que visará governos estrangeiros, organizações internacionais, grupos de pressão e, de um modo geral, a opinião pública internacional.

## CONCLUSÃO

Os ataques de 11 de Setembro de 2001 marcaram uma profunda transformação na forma como a comunidade internacional em geral e os EUA em particular, vinham a encarar e a combater o terrorismo transnacional. Com os ataques às Torres Gêmeas do World Trade Center, os próprios Estados passaram a estar mais atentos à segurança e uniram-se na luta contra um inimigo comum: o terrorismo de matriz islâmica; o mundo teve uma mudança significativa na adoção de fortes medidas de segurança ao nível global para a contenção de atos terroristas, tornando assim o terrorismo de matriz islâmica como a principal ameaça da segurança das sociedades contemporâneas (Lara,2014).

Como fenómeno transversal, o terrorismo assumiu novas formas, deixou de estar confinado às fronteiras de um Estado e fez do mundo em geral o seu campo de batalha, passando a executar ataques em vários países, a receber apoio direto e indireto de vários países e captar ou apelar adesão de membros sem limite fronteiriço, o grupo Jihadista Estado Islâmico legitimado junto da população civil, evoca homens, mulheres e até crianças ao califado enquanto cidadãos islâmicos e não islâmicos a aderirem às suas fileiras.

Ao longo da nossa abordagem tivemos o desígnio de compreender a fundo as motivações psicodinâmicas de adesão ao terrorismo, a partir dos dados por nós apresentados e que foram pensados a partir de um processo de abstração em relação às experiências e aos significados recolhidos; baseados no Interacionismo Simbólico, enquanto processo dialético em que os indivíduos constroem os grupos e coletividades sociais dos quais fazem parte, mas que, ao mesmo tempo, esses grupos e coletividades interferem na conduta do indivíduo.

Demostramos, através dos exemplos acima apresentados, que o envolvimento ao terrorismo resulta de uma exposição e socialização gradual em direção a um comportamento extremo. E que, apesar de vários questionamentos sobre a insanidade de quem adere e de quem pratica atos terroristas, não podemos, contudo, afirmar a existência de um potencial distúrbio psicológico ou causalidade linear entre terrorismo e psicopatia.

A adesão ao terrorismo envolve motivos internos ou externos ao indivíduo e pré-disposições ou vulnerabilidades inerentes a condição do desenvolvimento psicossocial do homem, muitas vezes aproveitadas e trabalhadas pelos agentes recrutadores.



Concluimos que não existe um trilho único, nenhuma conjuntura socioeconómica comum, nem uma educação religiosa similar entre os indivíduos atraídos para lutar a favor do Estado Islâmico em geral, ou para luta *Jihadista* em particular.

Entendemos que a verdadeira causa ou motivação para a adesão é uma grande necessidade de pertença e a necessidade de consolidar a própria identidade. Sendo que a necessidade de pertença, associada à identidade pessoal incompleta, são fatores comuns transversais aos grupos. A necessidade de pertencer, de ter uma identidade estável, de resolver uma brecha/divisão e ser um consigo mesmo e com a sociedade é um conceito de ligação importante, que ajuda a explicar a semelhança de comportamentos em grupos terroristas com uma grande variedade de motivos, causas e composição, considerando a análise dos três fatores psicológicos, ao nível individual, grupal e organizacional interdependentes e mutuamente se reforçam.

A medida em que compreende a existência-espiritual humana como auto-transcendente, Frankl reposiciona as noções de “bem,” decorrentes de uma ética contemporânea cujos ideais parecem ser uma felicidade individualizada e um prazer em si mesmo. Entre prazer ou felicidade e ação humana, há uma ideia de dignidade ou merecimento que só é inteligível quando a realização do sentido aparece como fim em si mesma. O ser humano tem a possibilidade de superar as concepções que o apresentam como um ser imanente e fechado, porém, a teoria motivacional de Viena o insere em uma dimensão superior que, sem deixar de lado o biopsicossocial, o integra em uma esfera que Frankl denomina como noética (em linhas gerais, define a dimensão espiritual do homem) que está representada pelos valores subjetivos (da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência), que o ser humano trata de concretizar, refletidos na promessa das setenta e duas virgens, no mais elevado dos sete níveis do paraíso. Para as mulheres que aderem e morrem pela jihad, a promessa de, no paraíso, voltarem a ser jovens, virgens, mais belas e a promessa de que todos os mártires têm direito ao céu.

Assim, podemos falar de um “descentramento” do indivíduo em favor do sentido, já que uma das consequências da teoria motivacional da Terceira Escola Vienense<sup>9</sup> é a de que o sujeito só

---

<sup>9</sup> Fundamentada empiricamente no sentido da vida. Análise Existencial real, a busca pelo sentido é discutida e motivada basicamente nos seres humanos e são fornecidos argumentos que demonstram a possibilidade fundamental de encontrar sentido na vida.

se singulariza na medida em que cumpre sua orientação ontológica para tornar significativa a própria vida, considerando o fato de que, as instituições promotoras de terrorismo, apesar de não estarem envolvidas diretamente no processo, podem funcionar como vias facilitadoras à incursão de indivíduos na causa terrorista, com realce as funções que tais instituições desempenham e muito importantes para o processo de adesão:

*Doutrinam*, ou seja, *transmitem* ideias religiosas e políticas, criando no indivíduo um quadro ideológico partilhado por extremistas violentos;

*Socializam*, uma vez fazem a introdução do indivíduo no “meio radical”, onde este estabelecerá relações com ideias e extremistas radicais; e

*Incitam* à radicalização, fazendo com que o indivíduo abrace ideias e valores incompatíveis com as regras sociais e democráticas.

Em conformidade com os elementos de estratégia (Couto, 1989), as ações de informação psicológica constituem parte essencial de qualquer manobra estratégica, sejam elas internas, externas e especiais, como suporte imprescindível ao conjunto de manobras contra subversiva, A ação psicológica deve estar de acordo com os objetivos políticos do grupo, visados e baseados nestes e num estudo concreto das forças internas e externas que concorrem para o processo de adesão e dos seus objetivos; do caráter e tendências políticas da liderança que conduz este processo e das características e motivos dos indivíduos que aderem ao grupo terrorista Estado Islâmico.

Também adaptar a ação psicológica aos vários alvos, tendo em especial atenção internamente dos grupos humanos e, extremamente, os Estados (governos e populações) e organizações considerados estrategicamente mais importantes (Couto,1989).

No âmbito da segurança nacional, devem considerar-se tanto as ameaças psicológicas, quanto as outras requerem medidas materiais. Segundo David (citado por Ribeiro, 2010), torna-se assim evidente, que a segurança nacional é uma condição, um estado, um valor a atingir, de cariz relativo e resultante de uma reflexão, destinado a mobilizar reforços de defesa nacional, em função da probabilidade de ocorrência das ameaças (como terrorismo de matriz islâmica) admitidas e da sua periculosidade, da urgência do valor que está em jogo (bem a proteger) e do grau de cobertura a alcançar.

A teoria da estratégia indireta que, para o combate ao terrorismo, é imperioso compreender os aspetos psicológicos de adesão ao terrorismo de matriz islâmica, por considerar ser uma guerra acima de tudo psicológica, propondo a necessidade imperiosa de se antecipar as suas ações, diminuindo sua capacidade de recrutamento e melhor compreensão dos motivos de adesão ao terrorismo, dada a extrema facilidade de manipulação do comportamento humano, demonstrada pela psicologia social, que segundo Vala & Monteiro (2013), ao evidenciarem que os indivíduos comuns podem agir de forma cruel e desumana se submetidos a pressão para agir em conformidade com as normas do grupo ou figuras de autoridade.

Os casos por nós apresentados, ao longo desta análise motivacional de adesão ao grupo terrorista de matriz islâmica Estado Islâmico, levam-nos a concluir que é muito raro encontrar terroristas portadores de doenças mentais ou de desordens; estes sujeitos não são seres disfuncionais ou patológicos, mas sim pessoas lúcidas, racionais, possuidoras de motivos válidos que conduzem outra forma política.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. F (13 de Abril de 2016) *Estratégia Directa ou Indirecta? Negócio*.

ATKISON, Ami & TOMLEY, Sarah (Org) (2014) *O livro da Psicologia*. Portugal: DK Marcador Editora.

BARBOSA, Maria Luís (2018) *O Processo de (Des) Radicalização na Europa: A Resposta da França, Alemanha e Bélgica após os ataques de 2015*. Lisboa: Tese de Dissertação de mestrado – Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa.

BARDIN, L (2004) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BARRACHO, Carlos (2011) *Psicologia Política*. Lisboa: Escolar Editora.

BARBOSA, Mariana, MATOS, Raquel & MACHADO, Carla (2012-2013) *Artigo sobre Psicologia da Paz*. Portugal: Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho.

CARVALHO, Hernâni (2016) *Terroristas - Como aderem, como nos olham e como agem entre nós* (1ª edição). Matéria-Prima Edições.

COCKBURN, Patrick (2015) *O Novo Estado Islâmico*. Copyright editora, (2ª edição).

CORSI, Jorge e PEYRU, Graciela (2003) *Violências Sociais*. Espanha. Editorial Ariel SA, 1ª edição.

COSTA, Hélder Santos (2001) *O Revitalismo Islâmico*. Lisboa: ISCSP.

COSTA, Hélder Santos (2003) *O Martírio no Islão*. Lisboa: ISCSP.

COUTINHO, Clara Pereira (2015) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Lisboa: Almedina, 2ª edição.

COUTO, Abel Cabral (1989) *Elementos de Estratégia*. Portugal: Instituto de Alto Estudos Militares, (Vol. II).

CRESWELL, J. W (2007) *Projecto de pesquisa - Método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed editora, 2ª edição.

DAVIDOFF, Linda L. (2001) *Introdução à Psicologia*. São Paulo: MakronBooks.

DUARTE, Filipe Pathé (2015) *Jihadismo Global – Das Palavras aos actos*. Marcador Editora.

FÉLIX, Carla Sofia (2004) *Breve Incursão Histórica, Social e Psicológica Sobre o Terrorismo*. Editora Nação e Defesa.

FUJIL, William (2015) *Artigo sobre o Estado Islâmico e o Xadrez Geopolítico dos conflitos na Síria e no Iraque*. Brasil: Universidade Federal de São Carlos.

FRANKL, V. E. (1989) *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Editora Santuário.

FRANKL, V. E. (1994) *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Petrópolis; Vozes.

FRANKL, V. E. (2005) *Búsqueda de Dios y sentido de la vida: diálogo entre un teólogo y un psicólogo*. Barcelona: Herder.

FREIRE, José Costa (2004) *Psicanálise e religião*.

FREIXO, Manuel João Vaz (2012) *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Divisão Editorial Instituto Piaget, 4ª Edição.

FROMM, Erich (2003) *Psicanálise e religião*. Lisboa: Edições 70.

GOLDENBERG, Ricardo (2014) *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

GONÇALVES, Francisco Jorge (2014) *O Combate à Radicalização no Extremismo Islâmico: a Contraradicalização e a Des-radicalização*. Polo/Lisboa Tese de Doutorando - Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

GOULDING, Christina (2002) *Grounded theory: A practical guide for management, business and market researchers*. Londres: Sage Publication.

GRIFFA, Maria Cristina & MORENO, José Eduardo (2001) *Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: Adolescência, vida adulta, Velhice* (Tomo 2). São Paulo: Paulinas Edições.

HERZ, Mônica & AMARAL, Arthur Bernardes (2010) *Terrorismo & Relações Internacionais - Perspectivas e Desafios para o Século XXI*. PUC-Editora.

JORNAL SEMANAL (2014) EXPRESSO.

KJOS, Berit (2007) *Brincando com a morte-aprendendo a Amar o Mal e a Desejar Insaciavelmente a Violência*.

KNOBEL, Maurício (1980) *Síndrome da Adolescência Normal*. Porto Alegre: Edição Atres médicas, Proto.

LARA, António de Sousa et al. (2013) *A Crise e o Futuro*. Lisboa: Edição-Pedro Ferreira.

LARA, António de Sousa (2002) *Imperialismo, Descolonização, Subversão e Dependência*. Lisboa: ISCSP.

LARA, António de Sousa (2011) *Subversão e Guerra-fria*. Lisboa: Editor ISCSP.

LOPES, Miguel Pereira, PALMA, Patrícia Jardim et al. (2011) *Psicologia Aplicada*. Editora RH.

LOPEZ, Marília Ancona & ARCURI, Irene Gaeta (Org.) (2007) *Temas em Psicologia da Religião*. São Paulo: Vetor Editora.

LOCKE, Karen D. (2001) *Grounded theory in management research*. Londres: Sage Publications.

LUNDE, Paul (2006) *O Islão – Fé, Cultura, História e Civilizações*. Porto: Porto editora.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira & BRISOLA, Elisa Maria Andrade (2014) *Análise por Triangulação de Métodos: Um referencial para pesquisas qualitativas*. Rio de Janeiro: Artigo de ....

MAZZAROLO, Isidoro (Janeiro de 2011) *Relação entre religião, Espiritualidade e Sentido de Vida*. Brasil: Revista Brasileira de História das religiões, Maringá- PR.

MENDES, Nuno Canas & COUTINHO, Francisco Pereira (Org.) (2014) *Enciclopédia das Relações Internacionais*. Lisboa: Edições D. Quixote.

MENEZES, M. (12 de Outubro de 2019) *Resgatando os Potenciais Perdidos da Alma*. São Paulo: Workshop.

MOREIRA, Adriano (2004) *Terrorismo*. Portugal: Livraria Almedina.

NAPOLEONI, Loretta (2015) *A Fénix Islâmica – O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Médio Oriente*. Editorial Itaca.

NEVES, Eduardo (1998) *Psicologia e fé cristã*. São Paulo: Editora Betel.

OLIVEIRA, Ciro e JESUS, Gustavo (2014) *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais/DSM – V*. EUA: American Psychiatric Association, Climepsi Editores.

PALMA, Patrícia Jardim Trindade Martins (2008) *Todos diferentes ou todos iguais? O desenvolvimento da identidade nas organizações empreendedoras de baixo e elevado crescimento*. Lisboa: Tese de Doutoramento – FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

PAPE, Robert A. (2005) *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. New York: Random House.

PAPE, Robert A. (2010) *Cutting the fuse: the explosion of Global Suicide terrorism and How to stop it*. University of Chicago Press.

PINTO, Jaime Nogueira (2015) *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 3ª Edição.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL (pág. 203-215, 2014) *Relação entre religião, espiritualidade e Sentido da Vida*.

REVISTA SÁBADO n.º 604 (26 de Novembro a 02 de Dezembro/2015).

REVISTA SÁBADO n.º ... (03 de Dezembro de 2015) *A Vida na Capital do Estado Islâmico*.

REVISTA SÁBADO n.º ... (19 de Dezembro de 2015) *O Terror no coração da Europa*.

REVISTA VISÃO n.º ... (03 de Dezembro de 2015) *DAES*.

REVISTA VISÃO n.º ... (24 de Dezembro de 2015) *Abu Bakr Al-Bagdadi – O Rosto do Terror*.

RIBEIRO, António Silva (2010) *Teoria Geral da Estratégia - O essencial ao processo estratégico*. Lisboa: Edições Almedina SA.

RIBEIRO, António Silva (2012) *Política e Estratégia de Segurança Nacional – Modelo de elaboração*. Lisboa: Edição do Instituto de Informação e Segurança de Angola.

RODRIGUES, Aroldo et al. (2000) *Psicologia Social*. São Paulo/Brasil: Editora Vozes Ltda.

RODRIGUES, Luís (2020) *Psicologia 12º ano, 2º volume*. Lisboa: Plátano Editora.

SILVA, Lúcia Gonçalves (2012) *O processo de recrutamento em organizações terroristas*. Coimbra: Tese de Dissertação de mestrado – Universidade de Coimbra.

SILVA, Teresa de Almeida (2001) *Islão e Fundamentalismo Islâmico – das Origens ao Século XXI*. Lisboa: PACTOR- Editora.

SILVA, Teresa de Almeida (Novembro 2010) *Sociedade e Cultura na Área Islâmica*. Lisboa: ISCSP.

STERN, Jéssica & BERGER, J. M: (Abril/2015). *Estado Islâmico – Estado de Terror*. (Cidade/País): Vogais editora, 1ª edição.

TEIXEIRA, F. (2011) *Religião e busca de significado*. São Paulo/Brasil. 2ª edição. Hucitec.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues (Agosto/2002) *As três formas para compreender o "suicídio" de Durkheim*. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/FMUSP. (São Paulo/Brasil): Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação-espço aberto Interface .

VALA, Jorge & MONTEIRO, Maria Benedicta (Orgs) (2013) *Psicologia Social*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

VANDENBOS, Gary R. (Org.) (2010) *Dicionário de Psicologia*. São Paulo/Brasil: American Psychological Association (APA), Editora Artemed.



WEISS, Michael & HASSAN, Hassan (Setembro de 2015) *ISIS – Por dentro do estado do terror*. Corcodova/Portugal: Texto Editores, 1ª Edição.

WERLANG, Blanca Susana Guevara e OLIVEIRA, Margareth da Silva (Orgs) (2006) *Temas em Psicologia Clínica*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

## **WEBGRAFIA**

<http://Psycpeace> (01/05/2009) Obtido de Blogspot.com

<http://br.Monografias.com/trabalhos/psicologia-religião-estudo-convergencia> (sd). Obtido de shtml

<http://pt. /Psicologia-da-religio-filipe> (sd).Obtido de slideshare.net.

<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt> (sd).

<https://www.scielo.br/scielo.php>.

<http://www.fbi.gov> (sd).

<http://www.cerebromente.org.br. Terrorist>(sd).Obtido de html.

<http://www.triplov.com> (sd).